O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 5 DE SETEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:723

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — REORGANISAÇÃO DOS PARTIDOS.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—NOTICIARIO.—DIREITO DE PETIÇÃO.—UMA LIÇÃO AOS PERSEGUIDORES DOS FRADES E FREIRAS.—EXAMES EM OUTUBRO.—TRES ANTIGOS JORNALISTAS EM PORTUGAL.—CARTA DE LISBOA.—CARTA DAS CALDAS DE S. JORGE.—COMMUNICADOS.—NOTICIAS DIVERSAS.—SECÇÃO AGRICOLA.—SECÇÃO LITTERARIA: D. NICOLAU NAZONI, *por F. J. Patricio*; UM ACCIDENTE, *por Nunes de Azevedo*; O HOMEM ALEGRE.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

REORGANISAÇÃO DOS PARTIDOS

A reorganisação dos partidos não depende da vontade dos palinuros que, por terem talentos politicos, suppõem que hão de dirigil-os a seu sabor, sem se importarem com as indicações da opinião. Em 1861 lançaram-se os fundamentos de um partido novo, de que eram cabeças visiveis José Estevam, antigo regenerador, e Anselmo Braamcamp, Thiago Horta, Mendes Leal, e Lobo d'Avila, antigos historicos. Esta fracção viveu quasi tanto como as rosas de Malherbe. Em 1862 achava-se elle consubstanciado com o grosso do exercito commandado pelo então marquez de Loulé, o ministerio recompunha-se, e tres membros distinctos d'aquella pleiade passaram a fazer parte do gabinete historico. Foram elles Braamcamp, Mendes Leal, e Lobo de Avila, mantendo-se na pasta das obras publicas Thiago Horta, que já era governo áquella data. E nunca mais se tornou a fallar em partido novo.

Em 1867 o sr. Dias Ferreira tentou fundar tambem um partido, a que mais tarde deu o nome de constituinte. Em 1868 s. ex.ª foi chamado ao poder, em consequencia do movimento de 2 de janeiro d'esse mesmo anno, e em 1870 chegou a sobraçar tres pastas, pelo que o cognominaram—ministro trino. Mas não obstante exercer duas vezes a dictadura, e da ultima ter decidida influencia na situação, s. ex.ª não conseguiu realisar o seu bello ideal. Teve sectarios da sua pessoa, exactamente como Lobo d'Avila em 1864, mas d'ahi a criar um partido ía tamanha distancia, que, apesar da sua rara habilidade, Fontes um dia arrebatou-lhe o pessoal, que elle proprio dizia ser o melhor do seu cazal.

Quer isto dizer, que as individualidades por mais poderosas que sejam não pódem oppôr-se á corrente dos successos, e que não se organisam partidos com a facilidade com que se fazem ministerios. E' preciso que além da elevação dos intuitos e do vigor da acção, haja o apoio franco do paiz. Um homem possuidor de um enorme prestigio não póde agrupar em volta de si os valiosos elementos que são precisos para formar um partido forte, que tenha preponderancia no paiz, e que possa fallar ao rei e ao povo, e estas realezas do regimen representativo, em nome das aspirações legitimas da communidade. E' preciso mais que a ambição ou esforço individual.

Quando apoz o movimento de 1851 desappareceu ou se annullou o partido cartista, ficaram em campo duas fracções constitucionaes, que se degladiaram até á tregua de 1865, a que por antonomasia se chamou fusão. Ficaram a defrontar-se historicos e regeneradores. Os primeiros escolheram para chefe o marquez de Loulé. Em 1875 celebrou-se a primeira assembleia geral do partido para eleger o seu successor. O collegio aclamou o nome de Anselmo Braamcamp. Dez annos depois, em conclave constituido, por todos os delegados dos centros provinciaes, o partido progressista proclamava como seu chefe o sr. José Luciano de Castro, que fôra companheiro fiel do duque de Loulé e de Anselmo Braamcamp, que redigira o pacto da Granja, e cujos talentos e serviços politicos o designavam naturalmente para o logar supremo.

Todos estes factos provam bem quanto dissemos. Não é da ambição ou da dedicação patriotica d'este ou d'aquelle cidadão, que saem os partidos organisados, á semelhança do que se passava com os deuses da mithologia, quando era preciso extrair-lhes da cabeça um novo ser. E se a historia é inexoravel, se depõe contra as tentativas que se teem feito para pôr em campo novas agrupações, para que se ha de teimar em expedientes, que o paiz está longe d'applaudir?

Do que todos devemos tratar é de desfazer quaesquer atrictos, que se levantem nos nossos arraiaes, para que haja harmonia nos elementos dirigentes, e nos que devem subordinar-se-lhes. Porque do accordo franco entre todos elles deve resultar não só a força que provém da união, mas egualmente o prestigio que impõe aos proprios adversarios.

Nos arraiaes contrarios a morte de Fontes produziu a scisão, de que resultou o fraccionamento em tres ou quatro distinctas agrupações. Com o sr. Antonio de Serpa estão alguns marechaes do grande exercito. Com o sr. Barjona fraternisaram outros, que se dizem mais genuinamente regeneradores. Com o sr. Thomaz Ribeiro estanceiam os pacatos, que embora se deleitem com as bucolicas de Carnaxide, todavia pretendem influir na cousa publica sob a protecção do devoto da sr.ª Aparecida. E alem d'estes nucleos mais ou menos microscopicos, ainda ha um, formado dos dissidentes dos outros trez, que não é o que menos arremette contra as demais fracções em que se acha dividida a regeneração.

Tudo isto prova bem a má orientação e o gráo de indifferença em que caíu a politica portugueza. Porque se o paiz fosse regenerador, ou esta parcialidade exercesse n'elle influencia, teriam surgido as reclamações locaes, para que acabassem de vez as desintelligencias que produziram o lamentavel faccionamento que annulla o esforço da opposição monarchica.

E de todos estes excerptos historicos se conclue, que não cabe na vontade do homem organisar ou desfazer partidos, e que estes são a consequencia necessaria, fatal, de factos determinados, que ninguem pode contrariar ou pôr de parte.

COMMISSÃO DISTRICTAL

SESSÃO DE 24 DE AGOSTO DE 1888

Presidencia do ex.mo sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães.

Presente o secretario sr. Manuel Pereira da Cruz, faltando por motivo justificado o vogal, ex.mo Visconde de Valdemouro.

Aberta a sessão pelas 10 horas da manhã do dito dia, a Commissão Districtal executiva da Junta Geral tomou conhecimento dos seguintes negocios:

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral d'este districto, sendo a receita o saldo que passou da semana antecedente de reis 6:584$194 e a despeza 924$720 reis, passando em saldo para a seguinte semana a quantia de 5:659$474 reis, existindo mais em cofre todos os papeis de credito e inscripções, obrigações e acções que existiam no balanço apresentado a esta Commissão em sua sessão de 17 do corrente mez.

Foi-lhe igualmente presente os resumos das deliberações de diversas camaras municipaes d'este districto, do que a Commissão ficou inteirada.

Devolveu á camara municipal do concelho de Oliveira do Bairro o seu 1.º orçamento supplamentar para o corrente anno, por ter decorrido já o praso dentro do qual era licito usar do direito de o suspender.

Deferiu 3 requerimentos para admissão no Asylo-Escola districtal, de tres creanças desvalidas, naturaes d'este concelho.

O sr. presidente communicou que já tinham dado entrada no Asylo-Escola desde o dia 9 a 20 do corrente seis expostos, sendo 5 do sexo masculino e 1 do feminino. A Commissão ficou inteirada.

Deliberou dar começo ás obras de construcção do novo edificio districtal, fazendo-se os annuncios para a arrematação de fornecimentos que por essa fórma convier adquirir, e encarregando o presidente da Commissão Districtal da direcção e fiscalisação d'essas obras.

Approvou a deliberação tomada pela junta de parochia da Moita, concelho de Anadia, em sua sessão de 16 de fevereiro de 1887 de desamortizar por meio de partilha com arbitramento de fôro pelos moradores visinhos o baldio parochial de Valle d'Avim ou Landedella.

Não usou do direito de suspensão com relação á desistencia da appellação que interpoz a camara municipal d'Albergaria a Velha da sentença dada sobre os artigos de preferencia na execução movida contra João Nunes de Carvalho e Silva, d'Eixo.

NOTICIARIO

Juramento do principe real.—Dos deputados do nosso districto foram á sessão real do juramento do regente os srs. conselheiro Albano de Mello, dr. Antonio Simões dos Reis, Antonio Maria de Carvalho, conde de Castello de Paiva, Francisco d'Almeida e Brito, Francisco de Castro Gomes Monteiro, e dr. Francisco de Castro Mattoso Côrte-Real.

Notas da carteira.—Esteve de passagem n'esta cidade, com sua illustre familia, o sr. Gervasio Lobato, distincto litterato lisbonense, hospedando-se em casa do nosso prestimoso amigo, o sr. Eça Leal, illustrado inspector da fazenda publica.

— Para a Costa Nova do Prado partiu o nosso estimavel amigo o rev.mo sr. conego arcypreste José Candido Gomes d'Oliveira Vidal. Para a barra foram as familias dos srs. Almeida Vilhena, Manuel Machado, D. Carmina de Rezende, dr. Pereira da Cruz, Juvenal Ferreira, Duarte Silva, dr. Luiz Regalla, Paiva d'Eça, e Francisco Regalla; em S. Jacintho estão os srs. Padre Francisco da Costa Junior, Firmino de Vilhena, Alberto de Souza, e Manuel Ferreira Correia de Souza; para Espinho partiram a sr.ª D. Amelia Rebocho Freire d'Andrade e Albuquerque (Santo Antonio), Cortez Machado, Egberto de Mesquita, dr. Manuel Joaquim Massa, dr. Eugenio da Costa e Almeida. e Araujo Soares; e para Estarreja partiu a familia do sr. Couto Brandão.

— Estiveram hontem em Aveiro os nossos distinctos amigos, os srs. dr. Abilio Pereira Pinto, dignissimo administrador do concelho de Agueda, e padre José Pinto, dignissimo prior de Aguada de Baixo.

— Veio hontem de Espinho a Aveiro, de visita ao digno commandante de cavallaria 10, o sr. Pedro Teixeira.

— Partiu da sua casa de Sever do Vouga para Espinho com sua ex.ma esposa o nosso muito presado amigo o sr. Alexandre Soares Gomes Feijão. S. S. ex.as tencionam demorar-se alli todo o mez de setembro.

Chegada.—Chegou a Aveiro na manhã de segunda-feira o destacamento de 60 praças de cavallaria 10, que regressava do Porto, sob o commando do sr. capitão Ribeiro, e que já ficou aquartellado no novo quartel do principe D. Carlos. O digno commandante, o sr. Bento da França, convidou a officialidade para ir esperar aquella força, o que se realisou.

Adolpho Ferreira de Loureiro.—Do *Conimbricense* transcrevemos as seguintes palavras, bem merecidas, dirigidas a um dos homens mais eminentes e prestimosos do nosso paiz:

«Acha-se já em Lisboa o nosso presado amigo e patricio o sr. conselheiro Adolpho Ferreira de Loureiro, director da 2.ª circumscripção hydraulica, que vae exercer identico cargo na 3.ª circumscripção.

Com a ausencia do sr. Loureiro soffre Coimbra uma falta verdadeiramente irreparavel.

A sua excepcional competencia como engenheiro, principalmente no ramo da hydraulica, sendo os seus creditos largamente estabelecidos, tanto em Portugal, como em as nações estrangeiras, reune o sr. Loureiro uma dedicação inexcedivel por esta terra.

Os serviços prestados pelo nosso benemerito patricio a Coimbra são da mais alta valia. Apezar das occupações laboriosissimas no exercicio do seu cargo e das numerosas e importantes commissões para que era chamado pelos differentes governos, nunca o sr. Loureiro se recusou a dedicar-se ao bem estar d'esta cidade.

Se nos não prestamos a fazer elogios banaes, tambem não devemos ser injustos e ingratos, deixando de registar aqui este preito ao merito, virtudes civicas, e dedicação patriotica do sr. Adolpho Ferreira de Loureiro.

Coimbra tem grandes dividas a pagar a este seu distinctissimo filho.

Joaquim Martins de Carvalho.

Manifestação á memoria de Mendes Leite.—Eis a lista dos cavalheiros que subscreveram para este acto, e compra da corôa:

RECEITA

José Eduardo d'Almeida Vilhena	1$000
Gustavo Ferreira Pinto Basto	1$000
Antonio A. de Sousa Maia	1$000
Antonio Augusto Duarte e Silva	1$000
Marques Gomes	1$000
Francisco de Magalhães	1$000
Alberto de Souza	$500
Manuel Fernandes Thomaz	1$000
Dr. Manuel Massa	1$500
M. **	$500
Domingos Pereira Guimarães	1$000
José Maria Coelho	$300
Domingos Gonçalves Gamellas	$300
José Maria Tavares da Silva	$500
José Maria Brandão	1$000
João da Naia e Silva	$500
Luiz da Naia e Silva	1$000
Egberto Mesquita	$500
Joaquim Fontes	$200
Joaquim Nunes Branco Junior	$500
João Gonçalves Gamellas	$500
Francisco Regalla	$500
Alfredo Cortez Machado	$500
Domingos José dos Santos Leite	$500
Anselmo Ferreira	$300
Jayme de Magalhães Lima	1$000
João Honorato da Fonseca Regalla	$500
Carlos da Silva Mello Guimarães	1$000
José Maria Ribeiro	$500
Luiz da Fonseca Regalla	1$000
Manuel Anthero B. Machado	1$000
Zacharias da Naia e Silva	$500
Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa	1$000
José Eduardo Mourão	1$000
Somma	25$100

DESPEZA

Uma corôa de lilazes, fita, dedicatoria, e conducção	21$990
Aluguer e quebra de cêra	1$091
Paga ao sachristão	$500
Idem ao porteiro do cemiterio	$200
Idem da conducção da cêra	$200
Esmola a dez pobres	1$119
Somma	25$100

Os abaixo assignados agradecem, profundamente reconhecidos, a todos os cavalheiros que da melhor bôa vontade os coadjuvaram a favor da commemoração pela memoria de Manuel José Mendes Leite. A todos protestam a sua gratidão.

Aveiro, 3 de setembro de 1888.

Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa.

José Eduardo Mourão.

Contribuição de renda de casas e sumptuaria.—Foram distribuidas pelo correio as notas dos factos sobre que recáem aquellas contribuições d'este concelho no presente anno civil, para os contribuintes poderem reclamar. Sabemos que o sr. José Luiz Ferreira Vidal, um empregado habil e zeloso como poucos, confeccionou a respectiva matriz com toda a imparcialidade e justiça, ouvindo as informações de louvados competentes, não havendo por isso talvez motivo a reclamações.

A's aranhas...—Um jornal democrata da capital, fallando da estatua de José Estevão, pergunta quando é que o sr. ministro do reino a mandará inaugurar! O articulista ou está na lua, ou a caçoar com os leitores. Que tem o sr. José Luciano com a estatua? Se ella não foi inaugurada em agosto, é porque não estava prompta; e ha de sel-o quando a commissão respectiva o julgar conveniente. A permanencia das irmãs hospitaleiras em Aveiro nada tem com o monumento, porque a maioria da commissão artistica, assim o entende, e com ella toda a gente séria. Descancem, pois.

Calcetamento.—Tendo-se concluido o calcetamento da rampa do mercado do Peixe, vae começar se na proxima segunda-feira o calcetamento das valetas da rua de *José Luciano de Castro*, no novo bairro dos Santos Martyres. A camara attendeu por este modo ás justas reclamações dos proprietarios do novo bairro.

Novo edificio districtal.—Proseguem com actividade os trabalhos de demolição das ruinas do palacete do Largo do Terreiro para a construcção do novo edificio do Governo Civil e Junta Geral.

Chamamos a attenção dos interessados para o annuncio de arrematação de fornecimentos para essa obra, que publicamos no logar competente.

Recrutamento militar.—São 11 as reclamações para dispensa do serviço militar, e 14 as de adiamento feitas este anno n'este concelho, em virtude da nova lei do recrutamento. O tribunal administrativo tem de as resolver até ao dia 30 do corrente.

Juntas d'inspecção.—*Sessão de 1 de setembro—1.ª junta.*—Inspeccionou 46 mancebos. Approvou 33; isentou 4; temporisou 8 e mandou 1 em observação.

2.ª junta.—Inspeccionou 37. Approvou 31; isentou 5 e temporisou 1.

Sessão de 4—1.ª junta.—Inspeccionou 62. Approvou 40; isentou 9; temporisou 12 e mandou 1 em observação.

2.ª junta.—Inspeccionou 56. Approvou 35; isentou 13 e temporisou 8.

Em exercicio.—Funcciona já a nova linha telegraphica entre Cambra e Arouca, e funcciona desde o dia 3 do corrente. Agora pouco falta para que a capital do districto esteja ligada directamente com todos os concelhos que o formam. A linha d'aqui para Angeja tambem está proxima a montar-se.

Chronica das praias.—Espinho regorgita de banhistas. O *chiado* é animado com o bulicio das elegantes, tanto nacionaes, como hespanholas, que atrahem as vistas cubiçosas dos *leões* da praia. Ha sobretudo ali uma estrella andalusa, que fascina todos pela sua perigrina belleza. A assembleia, ponto forçado de reunião, está este anno mais concorrida e animada, pois no domingo na *soirée* estiveram mais de 200 senhoras.

— No Furadouro,—rival da sua formosa visinha,—ha tambem uma affluencia notavel, e o club funcciona regularmente.

— Na Torreira estão muitas familias, e a notavel e conhecida romagem do S. Paio, que tem logar brevemente, deve chamar ali a costumada concorrencia. O local, tão pittoresco e decantado, e a originalidade d'essa funcção á beira-mar, de tão antigas tradicções, e afamada devoção, levam lá milhares de romeiros, que accorrem de todos os pontos do districto, e até de fóra d'elle.

— Nas demais costas é pequena a concorrencia.

Trabalho no mar.—Tem havido trabalho nas differentes costas não obstante o mar não se ter prestado muito ao serviço, pois que o vento o poz em condições quasi impraticaveis. As pescas teem sido boquirão e sardinha: esta no mercado tem-se vendido por 1$700 réis o milheiro.

Navegação.—E' agora em maior quantidade a frequencia de navios para exportação de sal. Actualmente está saindo bastante tanto pela barra, que está larga e funda, como pelo caminho de ferro.

Colheita d'arroz.—Começou a colheita d'arroz. O temporão está bom e ha-de produzir bem; os serodios estão máus e a funda nas eiras deve ser deficiente.

Colheita do sal.—As marinhas continuam a produzir rasoavelmente. O preço é hoje de 22$500 reis o antigo barco ou a medida 15:000 litros.

Porto de Leixões.—Vão muito adiantados os trabalhos d'este grandioso melhoramento. Os molhes tem attingido desenvolvimento enorme; o do norte, traçando a curva da sua linha, galga para as chamadas pedras de Leixões, das quaes está muito proximo. Em caso de perigo, os navios já se abrigam no porto. Para esse fim vê-se erguido sobre as referidas pedras no extremo sul um mastro provisorio para hastear a bandeira que deve guiar a navegação.

As aguas do extenso porto são perfeitamente as d'um lago, apenas levemente arripiadas pelas correntes asperas do vento ou pelas ondas valentes que arremettem pela garganta por conquistar entre o molhe do norte e as pedras, aonde o mar varre bravissimo nos dias de vento aspero.

Cortando em differentes direcções navegam a remos alguns pequenos barcos do serviço; se algum se aproxima um pouco mais das pedras, encontra nas ondas o jogo de berço proprio do mar bom. Em toda a periferia do porto artificial, o mar perdeu o seu nome. Parece-nos o rio Douro de margem a margem entre Massarellos e o Candal.

Ministerio das obras publicas.—Fez no dia 30 de agosto findo trinta e seis annos que foi creado o ministerio das obras publicas, commercio e industria, sendo nomeado para gerir a nova pasta, interinamente, o conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

D'então até ao presente, teem sido ministros das obras publicas os srs.: Rodrigo da Fonseca Magalhães, visconde de Sá da Bandeira, marquez de Loulé, Carlos Bento da Silva, Antonio de Serpa Pimentel, Thiago Augusto Velloso d'Horta, duque de Loulé, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, João Chrysostomo de Abreu e Sousa, conde de Castro, José Maria do Casal Ribeiro, João de Andrade Corvo, Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas, Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, duque de Saldanha, marquez d'Angeja, D. Luiz da Camara Leme, marquez d'Avila e de Bolama, visconde de Chancelleiros, Antonio Cardoso Avelino, Lourenço Antonio de Carvalho, João Gualberto de Barros e Cunha, Augusto Saraiva de Carvalho, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, Antonio Augusto d'Aguiar, Thomaz Ribeiro, e, actualmente, o conselheiro Emygdio Julio Navarro.

Alguns d'estes cavalheiros geriram a referida pasta mais de uma vez.

Setembro.—Setembro conserva o nome que se lhe deu no calendario Albano, porque, com effeito, era n'esse calendario o setimo.

Teve no tempo dos imperadores romanos, mas sempre por poucos annos, diversas denominações como *Germano, Antonio, Hercules, Tacito*, as quaes lhe foram dadas por diversos imperadores, que assim se chamaram, ou pelo senado que lhes quiz tributar as mesmas honras que se fizeram a Julio Cesar e Augusto.

A posteridade, porém, não confirmou nenhum d'estes nomes, e o mez tornou a receber o antigo, posto que desde a epocha de Numa não fosse o setimo, mas o nono. Era dedicado a Vulcano, e tido em Roma pelo primeiro mez de inverno.

Vulcano, deus do fogo, que presidia a este mez, representava-se vestido de purpura e com o semblante risonho, indicando a satisfação pelos sasonados e abundantes fructos que a natureza offerecia n'esta epocha do anno; por tal razão havia, do dia 3, as festas *Dinoscacas*, das vindimas, e no primeiro se pedia a Jupiter Maimaoses, que désse um inverno benigno.

As festas, porém, mais notaveis, e que duravam desde 5 até 11, eram grandes jogos romanos dedicados a Jupiter, Juno e Palas, e que consistiam em representações dramaticas, combates de gladiadores, luctas, corridas a pé e em carros e regatas.

A 20 celebravam-se festas, commemorando o nascimento de Romulo, fundador de Roma,

A 27 eram as festas de Venus, creadora.

A 30 as da deusa Medritina, advogada contra as doenças.

Os christãos teem consagrado o mez de setembro ao archanjo S. Miguel.

Crime em Madrid.—Luz e trevas successivamente sobre o celebre crime da rua de Fuencarral.

Cincoenta dias durou a instauração do processo e durante esse longo lapso de tempo a justiça depois de tropeçar em mil escolhos, conseguiu apenas saber ao certo que o viuva Luciana Borcino foi assassinada.

Higinia Balaguer continua sendo o fecho d'esta abobada de sangue, a possuidora do terrivel segredo que promette não querer sair do mesmo impenetravel mysterio.

A respeito d'ella diz um jornal hespanhol:

«Estudámos o lado moral d'esta creatura. E' uma mulher em quem as impressões se succedem rapidamente. Chora e ri sem transição. Umas vezes falla com confiança e serena, outras torna-se concentrada, reservada e receiosa de tudo. Tem tanto de mulher, como de creança. E' capaz de matar n'um momento de exaltação, mas tambem arriscaria a vida por qualquer pessoa. Higinia Balaguer pode sentir-se repentinamente arrependida, pode sentir desejos de confessar a verdade, e orgulho de dizer á justiça—«enganaste-te, imbecil, e vou abrir-te os olhos!»—; mas não sendo opportunamente aproveitadas estas disposições, tambem pode resolver-se a guardar segredo para sempre.»

E assim succedeu. Já por varias vezes a Balaguer tem querido fazer revelações, e a justiça faz ouvidos de mercador.

Parece que a lei diz «que os processados declararão ante o juiz instructor», e como a causa já não está em poder do juiz, mas sim em uma das salas da audiencia, a justiça não pode attender a creada Hyginia: eis a impossibilidade legal para que ella seja ouvida.

A isto responde brilhantemente o *Liberal*, transcrevendo um dos artigos dos processos-crimes que diz:

«O magistrado respectivo receberá as declarações das testemunhas quando, negando a lei, não possam ser recebidas pelo tribunal que as ordene, ou se façam fóra da terra em que esteja o dito tribunal, e quando d'isso *não hajam sido encarregados os juizes de instrucção ou municipaes.*»

Encarregado, pois o juiz de instrucção para que ouvisse as revelações de Higinia, estaria tudo resolvido, e a justiça teria tudo a ganhar.

Assim, as trevas tendem a condensar-se.

*

Varela, o filho infeliz e choroso da viuva assassinada, é como sempre o jeremias do Carcere-Modelo, acenando á commiseração do paiz e mostrando-se victima de infamias e malquerenças.

Agora fez dar á luz um longo arrazoado escripto, em que nomeia um advogado e um procurador para o defenderem no processo, e em que se ataca a imprensa madrilena.

Modas.—Do interessante jornal de modas o *Mundo Elegante*, que se publica em Paris, extractamos o seguinte:

«Ha um anno, as joias tinham sido postas de parte pela elegancia parisiense; hoje, porém, tornam-se as favoritas do dia, graças aos bailes da presidencia, em que madame Carnot, deu o tom, guarnecendo as suas *toilettes* com soberbas e preciosas joias.

A aristocracia parisiense, as elegantes de fina raça, as mais ricas e formosas senhoras, empenhavam-se em serem convidadas para aquelles bailes, tendo unicamente em mira descobrir novidades e avaliar dos progressos da moda. D'ahi em diante, eis que as joias fazem uma epoca de successo extraordinario e cada senhora de per si recorreu aos seus estojos, e fez apresentar todas as preciosidades que ha tanto tempo jaziam no esquecimento. Em Paris as occasiões não são raras, surgem a cada passo e succedem-se sem interrupção. As joias são portanto, actualmente, a delicia e o encanto das elegantes, e dia a dia se tornam mais numerosas bem a contento dos ourives parisienses.

Estamos na estação em que a aristocracia e a elegancia se apresentam em todo o seu brilho nas praias. E' alli, nas margens do Oceano, que a moda impera com toda sua altivez e onde domina com as mais bonitas, frescas e adoraveis *toilettes*.

As côres, rosa, verde-mar, branco, vermelho, formam a nota dominante de todas as creações novas e originaes, que como por encanto, surgem nos casinos ou á hora em que os banhistas formam grupo na praia.

O branco, leva a palma sobre todas as outras côres e até certo ponto isso tem razão de ser, porque não ha nada mais novo, attrahente e seductor, nenhuma *toilette* tem apparecido mais juvenil e encantadora, que aquelle que fôr realisada em *foulard, voile* ou uma ligeira e vaporosa lã branca.

As mais *coquettes* e ricas, fazem-se em *mousseline* de seda e em *crepon*, com *plastron* bordado a fio de prata, cercado de apanhados no mesmo tecido do vestido e descendo em V sobre o peito e costas, cinta e canhões bordados, cinto de *moiré* em volta da cintura, vindo atar ao lado, onde faz nó e cáe em compridas pontas.

As grandes elegancias não são, porém as unicas que a moda procura; as *toilettes* simples teem tambem o seu successo.—*Blanche Mirebourg.*

Sobre modas para homem, dizem de Paris ao *Elégante*:

«Emquanto a modas, estamos justamente no periodo de transição em que já são conhecidos os modelos de verão e ainda não appareceram os de outomno.

Nos vestuarios de viagem—os mais proprios da quadra presente—estão-se usando muito os sobretudos compridos e as duplas capas, cuja utilidade é manifesta durante as noites em comboio e durante muitos dias como os de agora. Estes sobretudos e duplas capas, de cheviote cinzento, côr de castanha, côr de azeitona ou côr de avellã, devem ser despretenciosos para que o *touriste* os possa opportunamente embrulhar e prender ás correias com a respectiva cobertura.

Para passeio são de bom gosto a sobrecasaca assertoada e o sobretudo direito de côr clara com forro de seda.

As fazendas lizas cedem o logar ás fazendas de phantasia e em relevo, as quaes são agora as preferidas para toda a especie de trajos masculinos, com excepção da casaca.

Os fraques e sobrecasacas ainda continuam com as bandas abertas, as abas chatas e as mangas meio justas.

Em fatos completos não ha modificações, e com respeito a colletes são elles de fórma direita, uns com golla de rebuço, outros sem golla.

As calças, de um talho folgado a contar do quadril para baixo, desenham na ilharga a curva do joelho e acabam um pouco estreitas em baixo, mal cobrindo o peito do pé.

E eis tudo que me consta ácerca das modas existentes».

Publicações.—A ESTAÇÃO, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º de 1 de setembro d'este excellente jornal, cujo summario é o seguinte:

Correio da moda.—Gravuras: Costume com saia apanhada—Costume com saia enfeitada—Cercadura—Balde ornado de pintura—Cercadura ponto de marca etc., para stores e cortinas—Avental em entremeio—Vestido a crochet para creança—Costume com faixa—Costume com saia—Fundo a crochet, avental cerrado de bordado—Chapeu de tulle para jardim—Chapeu de sol enfeitado—Almofada bordada—Costume com pala—Costume com corpo jaqueta e paletot—Costume de excursão para touristas—Costume com saia lisa—Motivo de madeira recortada para o cofre—Perneira de meia para touristas—Almofada bordada a froco—Bordado a froco para almofada—Franja e fourcula com borlas—Collar de contas—Tapete de meza—Quadro bordado para tapete de meza—Fichú a crochet—Laço para chapeu—Golla voltada—Laço para penteado—Costume com tunica em avental—Costume com largos rebuços—Costume de tecido bordado etc., etc, com dois figurinos coloridos.

— A ILLUSTRAÇÃO.—Está em distribuição o n.º 16, do 1.º do corrente mez. Traz um artigo de Marianno Pina ácerca de Eça de Queiroz, e um bello retrato d'este notavel romancista, um conto de Bento Moreno, varios artigos, poesias, explendidas gravuras sobre assumptos de actualidade, etc.

Cada numero da *Illustração* consta de 16 paginas, nitidamente impressas em optimo papel, e custa 100 reis.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52 Lisboa.—No Porto na sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

DIREITO DE PETIÇÃO

Continuamos a publicar os nomes dos signatarios da representação dirigida ao chefe do Estado, pedindo a conservação das irmãs hospitaleiras no hospital civil d'Aveiro.

José Victorino da Fonseca, parocho de Maceda.

Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, proprietario, empregado de fazenda e jornalista.

João Maria Pereira Campos Junior, empregado de fazenda e proprietario.

Padre Antonio Marques dos Santos.

Antonio Francisco, quarenta maior contribuinte.

Antonio Augusto d'Oliveira e Santos, parocho encommendado.

O parocho, Manuel Henriques da Silva.

Padre Antonio Gomes Moreira.

Manuel Gomes Moreira, proprietario e maior contribuinte.

O prior, Joaquim Soares d'Oliveira Coutinho.

Padre Manuel Tavares de Paiva.

Domingos d'Almeida Vide, negociante e maior contribuinte.

Manuel José Ferreira, proprietario, e maior contribuinte.

José Tavares, parocho encommendado.

Manuel Soares Rodrigues, proprietario e maior contribuinte.

Bernardo Antonio de Pinho Liborio, proprietario e maior contribuinte.

Bento Gomes dos Santos, proprietario e maior contribuinte.

O reitor de Veiros, Manuel da Silva Larangeira.

Padre Francisco Xavier d'Assis Pereira e Mello.

Padre José Possidonio Henriques.

Padre Antonio José Valente d'Oliveira.

Padre Manuel Joaquim Marques Fragoso.

Padre Manuel Caetano Affonso Tavares de Sousa.

Padre Manuel José da Silva Gravato.

Padre Manuel Alberto da Silva Gravato.

Padre Manuel Joaquim de Bom Jesus Bunheirão.

Padre Francisco Joaquim Bunheirão.

Padre José Pedro Lopes da Cunha e Silva.

João Marques d'Almeida, empregado reformado.

Antonio Joaquim Rebello Sebollão, proprietario e arraes de companha de mar.

Francisco Baptista Vieira, proprietario.

Manuel José Fernandes Rendeiro, proprieiario.

Gonçalo d'Oliveira Barbosa, proprietario.

Manuel Joaquim Henriques, proprietario.

José Augusto da Silva, proprietario.

João Joaquim Martins, proprietario.

Manuel Caetano Lopes Pereira, proprietario.

José Antonio Tavares Ribumbas, proprietario.

Rodrigo Luiz Tavares, proprietario.

Antonio Maria Nunes, proprietario.

Manuel José Rendeiro, proprietario.

Antonio Joaquim Henriques, diacono.

Manuel Caetano Affonso Tavares de Souza, estudante.

Padre Manuel Caetano Affonso Tavares de Souza Junior.

Antonio Joaquim Soares de Rezende, diacono.

Domingos Manuel Nunes e Silva, alfaiate.

Joaquim Tavares Martins, proprietario.

Joaquim Maria Ferreira e Silva, empregado publico.

Gaspar Ferreira Rendeiro, proprietario.

Manuel Maria Tavares de Souza, proprietario e vereador.

Manuel Tavares de Souza, proprietario.

José Maria Barbosa, proprietario.

Manuel Maria Barbosa, proprietario e negociante.

Agostinho Maria da Silva, proprietario.

Antonio Augusto da Cunha, proprietario.

Francisco Baptista Vieira, proprietario.

José Antonio Fernandes d'Oliveira, proprietario.

Antonio José Vaz da Silva Valente, proprietario.

Ignacio Antonio Affonso Lopes, proprietario.

Joaquim Nunes Valente, proprietario.

José Maria Rebello, proprietario.

Manuel Joaquim Ferreira Baptista, proprietario.

Francisco Augusto da Silva Bunheirão, lavrador.

Augusto Carlos Leite, lavrador.

José Antonio Affonso d'Oliveira, carpinteiro.

Antonio Joaquim Vieira, carpinteiro.

Francisco Antonio Rendeiro, lavrador.

Miguel José da Silva, lavrador.

José Maria Valente d'Almeida, proprietario.

Bartholomeu Valente Conde, negociante.

Manuel José Lopes Pereira, estudante.

Francisco Nunes da Silva, caixeiro.

José Maria Lopes Pereira, pescador.

José Luiz da Cunha, proprietario.

Francisco Maria Lagoncha, proprietario.

José Carlos Tavares Fidalgo, proprietaro.

José Maria Rebello, pescador.

José Maria Valente d'Almeida e Silva, alfaiate.

Maria Luiza Valente Leite.

Maria Emilia Marques Pereira.

Anna Rita do Branco.

Maria Luiza Valente

Rosa Antonia Valente d'Almeida.

Maria Luiza Gois Vieira.

Maria Anna da Silva.

Maria da Encarnação da Silva.

Maria Clara Rodrigues.

Maria Rozalia Rodrigues.

Maria d'Ascenção Valente.

Maria de Jezus.

Maria de Jezus Valente.

Maria Roza Valente d'Almeida Nadeira.

Emilia Neves Conceição.

Maria Joaquina d'Oliveira.

Manuel João da Silva.

Agostinho Maria da Silva, proprietario.

Antonio José da Silva Homem, negociante e proprietario.

José Maria da Fonseca, proprietario.

Agostinho Ferreira da Silva Homem, negociante.

Manuel Augusto Henriques Pinheiro, caixeiro.

Augusto Carlos da Silva Conde, proprietario.

Alexandre José Pereira, proprietario.

Manuel Luiz Pires, proprietario.

Lazaro José Costeira, proprietario.

José Maria Pires Barbosa, proprietario.

Manuel Caetano Valente d'Almeida, proprietario.

Franciseo Venancio Henriques, proprietario.

Gonçalo Antonio da Silva Felix, proprietario.

Manuel Joaquim Affonso Lopes, proprietario.

Manuel José Telles de Souza, proprietario.

José Luiz Telles Ribunbas, lavrador e proprietario.

José Luiz Henriques, lavrador e proprietario.

Miguel José Affonso Lopes, proprietario.

José Maria Fernandes de Figueiredo, proprietario.

Manuel Joaquim da Silva Portugal, proprietario

Agostinho Silverio da Silva, proprietario.

Maria José d'Oliveira, proprietario.

Padre José Agostinho d'Oliveira, proprietario.

José Maria Fernandes Rendeiro, proprietario,

Lourenço da Silva, proprietario.

João Antonio Lagoncha proprietario.

D. Clementina da Silva Conde.

Agostinho José Barbosa, proprietario.

João Maria Pires, proprietario.

Maria Victoria, proprietaria.

Francisco João Marques Pereira, proprietario.

Custodio Marques Pereira, proprietario.

Domingos Caetano Roza, proprietario.

José Rodrigues, proprietario.

Bernardo Joaquim Affonso Lopes, proprietario.

Manuel José d'Oliveira, proprietario.

João Antonio da Silva Barbosa, proprietario.

Manuel Luiz Fernandes Barbosa, proprietario.

Antonio Valente, proprietario.

Maria do Carmo Fernandes Ruella, proprietaria.

Roza Sabolôa, proprietaria.

Maria Luiza Tavares, proprietaria.

Felicidade de Jezus Tavares, proprietaria.

Francisco Antonio Chrisostomo, proprietario.

Maria Roza de Jezus, proprietaria.

Padre Domingos José Lopes da Silva Tavares, prior.

Antonio José Affonso da Silva, lavrador.

Antonio Maria Reis, lavrador.

José Justino, lavrador.

Manuel Joaquim de Mattos, lavrador.

Domingos Pereira Tavares, lavrador.

Delfim José Vieira, lavrador.

José da Silva Pereira, carpinteiro.

Antonio Joaquim Valente d'Almeida, carpinteiro.

Alexandre Luciano Pereira Valente, carpinteiro.

João José Nunes, lavrador.

José Manuel Loureiro da Silva, lavrador.

Jacintho da Cruz Neno, lavrador.

Bernardo da Silva Oliveira, lavrador.

José Maria Telles Rebimbas, proprietario e lavrador.

Antonio Alberto da Costa Mortagua, artista.

José Manuel Nunes da Silva, lavrador.

João José d'Oliveira, proprietario.

Bernardo Maria da Silva, proprietario e professor publico.

D. Maria Custodia de Resende Almeida Maia, professora publica.

João Bernardo Tavares Ribimbas, proprietario e lavrador.

Manuel José da Silva Tavares, proprietario.

Pedro José Fernandes Ruella, proprietario.

Francisco José Tavares, proprietario.

Gaspar José Tavares, proprietario.

Anna Caetana Pitta, proprietaria.

Manuel Luiz da Silva, negociante.

Miguel Joaquim Fidalgo, proprietario.

Maria José de Jezus, proprietaria.

(Continúa.)

UMA LIÇÃO AOS PERSEGUIDORES DOS FRADES E FREIRAS

Do notavel jornal *Correspondencia de Roma* tomamos a liberdade de transcrever o seguinte artigo, muito digno da attenção dos nossos leitores:

«Parece-nos muito opportuna a seguinte lição dada por uma folha liberal franceza, o *Constitucional*, a certos livres-berradores, que se abandonam ás emprezas *heroicas* de perseguir as irmãs da caridade:

«E' veso da imprensa jacobina o combater sempre a religião e as pessoas religiosas. Ha alguns dos nossos collegas que em suas columnas não podem passar sem devorar um padre ou uma freira todas as manhãs. E' o seu almoço favorito, o seu manjar delicioso. Mas não se convencem estes senhores de que estas *indecentes puerilidades* não fazem mal senão a quem as pratica. A religião nada perde com isso, e os padres e as freiras, que estão no mundo para soffrer as provas que a sua fé lhes faz parecer leves, affrontam esses ataques com sabia e edificante resignação. Sómente o publico, fallamos do publico bem intencionado e de bom senso, se aborrece e se irrita com essas *furias contra pessoas que não se defendem*. Isto que escrevemos o temos ouvido a homens que não são nem clericaes nem beatos. O animo mais liberal acaba por se indignar contra a intolerancia de aquelles, que não crendo em couza alguma, pretendem a todo o custo perseguir os que crêem em alguma cousa.

As perseguições, que o clero soffre quotidianamente, ferem vivamente a maior parte da gente, e não se póde imaginar o grande mal que fazem ao regimen em que vivemos, semelhantes **arlequinadas:** não se póde crer quantos protestos d'indignação excitam as declarações continuadas contra os religiosos e religiosas.

Quer-se a todo o custo arrancar das mãos das irmãs da caridade o serviço dos hospitaes. Pois hão-de fazel-as boas. Alguns conselheiros municipaes de Paris tentaram ha tempos substituir as religiosas por enfermeiros seculares, mas a tentativa, como todos sabem, não surtiu um exito feliz. A assistencia publica, que não quiz deixar-se arrastar por simples enthusiasmos partidarios, declarou que não podia contentar-se de palavras bonitas, que carecia antes de tudo as garantias para o bom serviço dos hospitaes, e que emquanto não houvesse um estabelecimento regular, apto para crear enfermeiros seculares, capazes e em numero sufficiente, conservaria as religiosas que se portam admiravelmente.

Por este facto se levantou um grande tumulto e sussurro no campo dos livres pensadores, e a refeição diaria de padres e freiras nas columnas dos jornaes augmentou consideravelmente, e em fim se occuparam de fundar um estabelecimento destinado a formar enfermeiros seculares para substituir as pobres irmãs. O estabelecimento funcciona e já dá resultados, e isso é uma bella cousa. Quantas mais enfermeiras houver, seculares ou religiosas, melhor se attenderá á necessidade, pois nunca serão de mais as mulheres que se dedicarem a tratar dos doentes. Mas o que mais importa não é isso. O que interessa é saber se as enfermeiras seculares estão á altura das enfermeiras religiosas. Assistir aos enfermos é um mister cheio de desgostos, de fadigas e de perigos. Em tempos ordinarios o serviço ainda é facil, mas quando é necessario ver a prova é em tempo de cholera, ou quando o typho recrudesce. Então é preciso ter grande coração para resistir á dura prova. O espirito do dever póde ser que anime as enfermeiras seculares, mas é muito difficil que na hora do perigo, não se lhes apresente diante dos olhos a imagem do marido, ou dos filhos, ou que á sua imaginação não acudam outros affectos e interesses que tem sobre a terra. Que angustia, que fraqueza, não será muitas vezes o resultado d'esta lucta moral! A irmã da caridade, pelo contrario, abandonou tudo, nada tem que a prenda á vida. A morte para ella é a liberdade. Vae ao encontro da morte como os antigos martyres, com confiança, e até com alegria. Não a prende nenhum affecto terreno, não tem na vida outro fim senão o dever, outra guia senão a fé. A irmã não hesitará nunca. Eis aqui o que constitue a sua superioridade sobre a enfermeira secular.

Os que n'isto não acreditam, não tem senão a experimental-o. Os senhores devoradores de freiras, em logar de andar a gritar, acceitem um desafio. Façamos uma prova. Não faltam terras das nossas possessões onde grassa a peste e onde morre muita gente. Pois bem, abra-se um arrolamento para mandar-se enfermeiras para aquellas regiões. Determinada a epoca fixada para se apresentarem as heroinas, contaremos as seculares e as religiosas. Ver-se-ha de que lado está a abnegação, o amor da humanidade, o espirito do sacrificio. Olhem lá se se atrevem a fazer esta experiencia.

Façamos ainda outra aposta. Dê-se ordem ás enfermeiras seculares de partir sem demora para o Tonkim ou para o Senegal. Vereis como ellas respondem com mil razões de impedimento: dirão que ficarão de boa vontade em Lariboisiére ou em Beaujon, mas que lá para essas terras é impossivel partir. Ora dizei ao mesmo tempo a cincoenta religiosas que partam em 24 horas, e nem uma só hesitará. No dia seguinte vel-as-heis todos promptas para partir. E não admira; é esta a sua missão; existem para isto.

O que são e o que valem as religiosas é cousa tão notoria que um grande banqueiro israelita, tendo fundado ha pouco um hospital destinado para israelitas, quiz que o serviço fosso confiado exclusivamente a irmãs de caridade.

Desenganemo-nos.

Na guerra não se querem soldados que gritem: minha mulher! meus filhos! meus negocios! Precisa-se de quem não tenha outro grito senão este: minha patria! meu dever! No primeiro caso, podemos estar certos que, de cada 10 soldados, nove hão-de ter uma grande vontade de esconder-se detraz d'uma arvore, ou no fundo d'um barranco quando assobiam as balas; no segundo vel-os-hemos todos correr ao assalto, como leões, e procurar vencer ou morrer.

N'este ultimo caso estão os frades e as freiras.

Olhem lá se arranjam que alguem por dinheiro faça o que fazem as religiosas. Em tempos de perigo pódem estar certos de que ninguem achava sufficiente qualquer salario, quando este se puzer na balança juntamente com o risco que se corre.

Por todos estes motivos, e por muitos outros ainda, que demasiado longo seria ennumerar, procederá sabiamente quem apoiar e defender as religiosas a despeito de todos os clamores e berrarias dos devoradores de padres e de freiras.

A liberalissima folha franceza não falla senão do grande merecimento das religiosas em uma das explendidas manifestações de sua heroica caridade, mas allude a *muitos outros motivos que seria demasiado longo enumerar*. Estes motivos, ainda que bem conhecidos, aqui os exporiamos, se o espaço hoje nol-o permitisse, mas não nos faltará occasião de fazel-o, para mostrar a certos meetingueiros e quebra esquinas o que são os frades e as freiras.»

EXAMES EM OUTUBRO

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

No cumprimento da nossa promessa vamos responder a algumas perguntas, que se nos fazem com respeito a coisas de instrucção publica.

A primeira pergunta consta da seguinte carta:

1.°—Quem quizer matricular-se nas faculdades de theologia ou direito, para frequentar de 1888-1889, precisa de apresentar attestado de exame de dezenho? ou como deve entender-se o art. 68.° do ultimo regulamento dos lyceus?

2.°—Quem quizer matricular-se em qualquer das faculdades mencionadas, para frequentar de 1889-1890, precisa do attestado de exame do inglez? ou que deve entender-se da doutrina dos paragraphos do supracitado artigo?

Depende a resposta á primeira pergunta da interpretação que se dér ao § 1.° do art. 68.° do regulamento de 12 de agosto de 1888.

Consta-nos que na secretaria do reino deve ser este negocio presente breve—se já o não foi—á resolução do ministro.

Parece-nos porém, que, combinando as diversas disposições do citado art. 68.°, o pensamento do legislador foi dispensar:

O desenho durante dois annos effectivos	1887—1888 1888—1889
O inglez durante os tres annos lectivos.	1887—1888 1888—1889 1889—1890
O grego e o allemão durante 4 annos lectivos. . . .	1887—1888 1888—1889 1889—1890 1890—1891

Relativamente á segunda pergunta, parece-nos que, seja qual fôr a interpretação dada ao § 1.° do art. 68.°, o inglez é preparatorio obrigado para todas as faculdades, e estabelecimentos de ensino superior sómente de 1890-1891, segundo as indicações a que nos referimos na nota anterior.

Está a questão, porém, pendente da decisão do sr. ministro do reino, que por certo a resolverá a preceito, attenta lucidez do seu espirito e os seus conhecimentos em assumptos de instrucção publica.

*

A segunda pergunta é a seguinte:

—Os exames singulares do lyceu valem para o curso theologico do seminario?

—Não nos parece que os exames singulares valham para o curso theologico dos seminarios. Um decreto, promulgado no ultimo governo do duque de Avila e Bolama, mandou que nos seminarios, e perante jurys especiaes propostos pelos prelados e nomeados pelo governo, se fizessem os exames preparatorios para os cursos respectivos e desde então assim se tem praticado. Os exames singulares dos lyceus são habilitação para os pharmaceuticos de 2.ª classe, porque sempre, desde a lei de 12 de agosto de 1854, se entendeu que os exames exigidos por esta lei não deviam ter a mesma extensão e intensidade que os exigidos para os cursos superiores.

*

— A terceira pergunta é:

— Um estudante a quem falta um preparatorio para completar o curso dos lyceus, fazendo esse exame nos ultimos dias de outubro, poderá matricular-se na Universidade ainda este anno?

— E' fóra de duvida que póde e deve ser admittido á matricula. Irrisoria seria a lei, se podesse ser illudida com o pretexto de que o estudante acabou os seus exames fóra do tempo ordinario da matricula nos cursos superiores.

TRES ANTIGOS JORNALISTAS EM PORTUGAL

Apezar de actualmente o não serem, mas porque já o foram, os tres mais antigos jornalistas em Portugal, que felizmente ainda vivem, são os seguintes—na ordem, não só da antiguidade dos periodicos, mas da sua edade.

Antonio Luiz de Seabra, visconde de Seabra, nascido em 25 de dezembro de 1799. Faz, portanto, em 26 de dezembro 88 annos.

Em janeiro de 1821 começou a publicar em Lisboa, em a nova impressão da viuva Neves & Filhos, de collaboração com o estudante de medicina José Pinto Rebello de Carvalho e seu primo o bacharel Manuel Ferreira de Seabra, o *Cidadão Litterato*. Foi este o unico numero publicado em Lisboa. Os seguintes foram publicados em Coimbra nos mezes de fevereiro, março e abril na imprensa da Universidade.

No anno de 1826 publicou o sr. Antonio Luiz de Seabra, em Coimbra, na nova imprensa de Trovão & C.ª, os n.os 1 e 2 do *Observador*, primeiro periodico d'este nome que tem havido n'esta cidade.

Não se chegou a publicar o 3.° numero, apezar do sr. Seabra haver escripto o original para elle. Com a devida estimação possuimos esse *original* do projectado numero 3.° do *Observador*, o qual temos junto aos dois numeros publicados.

Não mencionamos outros periodicos de que o sr. Seabra foi redactor, depois da restauração do governo liberal em 1834, porque não vem isso para o nosso intento.

*

Conselheiro Simão José da Luz Soriano, nascido em 8 de setembro de 1802. Assim fará 86 annos em o dia 8 do proximo mez de setembro.

Achando-se emigrado na ilha Terceira redigiu em Angra do Heroismo, e até ajudou a compôr typographicamente, os primeiros numeros da *Chronica da Terceira*, de que se publicou o numero 1 em 17 de abril de 1830.

O sr. Soriano Soriano não continuou na redacção da *Chronica*, em razão de divergir em alguns assumptos da opinião do presidente da regencia, marquez de Palmella.

*

Conselheiro José Silvestre Ribeiro, nascido em 31 de dezembro de 1807. Faz, portanto, no anno corrente 81 annos.

Depois de ajudar a defender por muito tempo e com a maior bravura a Serra do Pilar, collaborou nos mezes de maio e junho de 1833 na *Chronica Constitucional do Porto*.

A maior parte dos seus artigos tinham as iniciaes J. S., e é admiravel como no meio d'uma tão activa guerra civil, e n'uma cidade atacada pelo exercito miguelista, tinha o sr. José Silvestre Ribeiro placidez de animo para tratar *os variados assumptos:*—Uma scena na Serra do Pilar—Soccorros aos desvalidos—Instrucção publica—A religião e os mendigos—A felicidade dos povos é precaria se não se fundar em instituições permanentes—Em politica não marcham as coisas com a rapidez que desejam os amigos da liberdade—O dever de louvar o verdadeiro merecimento—A justiça dá sentenças, não faz favores—Necrologio do general Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, fallecido no cerco do Porto—Extractos de algumas cartas, vindas do exercito de operações do sitio de S. Mamede de Infesta, com datas de 22, 24 e 26 de maio de 1833.

Com esta ultima publicação, feita pelo sr. José Silvestre Ribeiro em 18 de junho de 1833, na *Chronica Constitucional do Porto*, terminou a sua collaboração n'esse periodico.

No dia 21 immediato saia elle a barra do Douro com a expedição liberal para o Algarve.

Joaquim Martins de Carvalho.

CARTA DE LISBOA

3 DE SETEMBRO DE 1888.

Foi entregue á policia da capital a quantia de 1:174$350 reis, parte que lhe coube da apprehensão que no anno de 1880 se fez a uma casa de jogo prohibido, na rua Nova dos Martyres. Cada um dos guardas que tomou parte na rusga recebeu 22$500 reis, com excepção dos guardas 62 e 110, que foram expulsos, e que receberam 5$000 reis cada um, e do guarda 22, que pediu a sua exoneração, a quem foi distribuida igual quantia. O chefe Teixeira recebeu 50$000 reis. O escrivão Sousa, que n'esse tempo pertencia ao commissarido da 2.ª divisão, e que não tomou parte na rusga, não devendo portanto ser remunerado, recebeu tambem gratificação. O cabo Ferreira, que não tomou parte na rusga, mas que foi á ultima hora licenciado para na Boa Hora abreviar a entrega do dinheiro, foi gratificado. Ignoramos quanto receberam estes ultimos; o que se póde calcular, pelos valores que foram entregues, e de que podemos ter conhecimento, é que foi dispendida a verba de 245$000 reis, faltando portanto 929$350 reis, afóra os juros.

— Doze viticultores de Braga fizeram já a primeira remessa de vinho para a exposição de Berlim.

— Parece que ha idéa de expropriar o edificio do supprimido convento do Grillo, ao Beato, na posse do ministerio da guerra, para o estabelecimento da padaria geral do estado. A respectiva commissão já ha dias foi examinar aquelle edificio.

— O sr. conde de Paraty comprou o predio no Chiado, onde se acha installada a redacção do *Dia*.

— Consta que o Monte-pio geral está estudando uma proposta para construcção de casas baratas.

— Segundo noticias de Toulou o almirante Dupetit-Thouars offereceu na prefeitura maritima um jantar em honra da officialidade do couraçado portuguez *Vasco da Gama*, jantar a que assistiu o almirante Krantz, ministro da marinha em França.

Y.

CARTA DAS CALDAS DE S. JORGE

30 DE AGOSTO DE 1888.

Já d'aqui tem retirado quasi todas as pessoas, de que temos fallado nas nossas cartas. O frio tem-se tornado incommodante. As ventanias não cessam. Os nevoeiros de manhã e á noite não deixam de visitar-nos. Por esse motivo tem-se tornado pouco proveitosos os banhos de caldas e muitas pessoas, das diversas classes sociaes, resolvem retirar-se.

A'manhã retira d'aqui o sr. Pedro Ferreira Soares e sua esposa, bem como retira por estes dias o sr. Manuel Borges da Cunha e sua irmã, estimavel e delicada joven, que chegou aqui ha dias.

Tambem chegou aqui na segunda-feira da semana passada a sr.ª D. Henriqueta Sedeley Ravara, directora do recolhimento d'Arouca.

Por engano dissémos, que estavam aqui duas irmãs do sr. Morgado de Avanca, em logar de dizermos que eram duas primas do mesmo cavalheiro. Tanto estas, como aquella senhora retiram na próxima semana.

— Ainda tomam banho cerca de cincoenta pessoas. E', porém, de crer, que este numero diminua de dia para dia, visto que o tempo está pouco proprio para uzo de aguas thermaes.

— Os arrematantes da obra do novo edificio das caldas tencionavam conservar aberto ao publico o edificio actual até aos fins de outubro. Constanos, porém, que mudaram de resolução, visto que, de dia para dia, o máu tempo vae concorrendo para afugentar os banhistas. Por isso, nos fins do mez proximo será demolido o actual edificio, e os seus materiaes serão approveitados, quanto seja possivel, na construcção do edificio projectado. Este, nos fins de maio do anno proximo, deve ficar apto para servir ao fim, a que se destina. No actual edificio ha muitos materiaes approveitaveis e todos em bom estado. Taes são as pedras das portas e das janellas; as do lagedo das sallas, quartos, corredores e pateo; as do capeamento dos muros e a dos degráos da escadaria; as traves, quasi todas de castanho e carvalho; e muitas madeiras de portas e tectos. O velho edificio, construido em 1808, estava feito com muita solidez e poderia ainda durar, se o emadeiramento do tecto e todo o telhado não estivessem ameaçando ruina e não tivessem abatido consideravelmente. Além d'isso nem o seu tamanho nem a sua traça estão em conformidade com as exigencias da epoca, tanto por falta de commodidade, como por falta de elegancia e de condicções hygienicas.

— Continuamos a encontrar alguns *versos* bastante *notaveis*, e dignos de fazerem parte da collecção, que enviámos n'uma das nossas cartas. Como as paredes do edificio em que estão escriptos taes *versos*, terão de ser demolidas brevemente, ficariam elles no olvido, (o que seria uma grande *perda* para a litteratura patria!) se aqui os não reproduzissemos *ad perpetuam rei memoriam*. Alguns não poderão passar sem commentarios. Estes, porém, não tem por fim offender, nem de leve, os *inspirados* auctores de producções tão sublimes. Na salla de espera lê-se:

«Adeus Caldas de S. Jorge
até o anno que vem
a bolsa leva dinheiro
e de saude vou bem.»

Se o auctor não falla por ironia, é muito feliz, pois assevera o contrario de quasi todos os banhistas, especialmente a respeito de *pecunia*. Só se o auctor (ou auctora) jogou ou entrou em transacção, em que foi feliz. Não parece isso muito natural, porque a localidade presta-se pouco para qualquer das coisas. No corredor:

«Adeus Caldas de S. Jorge
Que são uma grande pepineira.
Adeus amigo banheiro
Que tomas a tua piteira.
(*Camões*).

(!!!) Camões! Escrever Camões debaixo d'aquellas quatro linhas é offender tanto a memoria do nosso primeiro epico, que estamos quasi a desconfiar, que, (se elle podesse), erguer-se-hia do tumulo para vir protestar contra a paternidade, (que alguem lhe quiz attribuir), de uma composição notavel pela auzencia de metrificação e de chiste. No entanto, (seja dito em abono da verdade), a caligraphia era a melhor, que ali se via e, talvez, n'ella o verdadeiro auctor dos *versos* levasse vantagem ao auctor dos Lusiadas. Perto do quarto dos banhos de 40 reis lê-se:

«Adeus quarto
Da expeção
adeus bella
Rapaziada
Que eu Levo
No Coração
a minha prenda
Adorada.»

E não seria pena, que uma *peça litteraria* de tanto merecimento deixasse de ficar archivada, deixasse de correr mundo e de passar ao conhecimento das gerações futuras?! Parece-nos, que sim. Melhor *peça litteraria* nos parece a seguinte:

«No Dia 7 d'Agosto eu a S. Jorge chiguei
a Saude Vai na mesma meu Dinheiro
Cá Deixei
Se para o Anno Cá vier
anasão empinharei».

O auctor d'estas regras desiguaes tambem ameaça a nação, como fez um outro, de quem fallámos na já *citada* carta. Mas em que se fundaria elle para assim fallar? Teria aspirações a subir ao cargo de ministro da fazenda? Se as tinha e a sua habilidade em finanças era tal, como a sua habilidade para os versos, não admira, que tivesse a certeza de *empinhar* a nação e isto só pelo facto de voltar ás Caldas de S. Jorge no anno de 1889!! Safa com tal heróe! Arredem-se d'elle os politicos! Ao menos fallava com franqueza e com um anno de antecipação para haver tempo de nos acautelarmos d'elle. As seguintes composições são tão *notaveis*, que não precisam de commentarios:

«Adeus Caldas de S. Jorge
adeus Caldas sem valor
adeus cuarto da espesão
não se para Com
fedor».

«adeus ó Lugar de Lubão
adeus maria muleira
a saude bai na mesma
cem dinheiro na algibeira».

No quarto dos banhos de 160 reis, que fica para o lado do poente, lê-se no lado da porta:

«Ando triste e pencativa
piadoza dando ais
somentes em me lenvar
qum me auzento e Vós ficáes
quem me dera a mim saver
em que é que vós
pensáes».

A letra, o assumpto e o genero de um dos adjectivos dão bem a entender, que foi mão feminina, a que ali traçou aquellas linhas—tristes desabafos, proprios de uma alma attribulada pelo amor! E quem seria o *ditoso*, por quem ella «dava ais, e cujos pensamentos ella desejava *savee?*» E' mysterioso! Se tivessemos a dicta de conhecer a *auctora* (?) de taes versos, aconselhar-lhe-hiamos, a que lê-se o *Amor e Melancholia* do nosso chorado Castilho. Parece-nos, que seria um livro muito apreciado, por quem tanto ama e tanto vai soffrer longe do objecto amado. Mas deixamos os versos e os seus commentarios e passemos a outros assumptos.

— Como prenoticiámos, teve logar no domingo a festa de Santo Ovidio, na capella da sua invocação perto d'esta localidade. Foi muito concorrida. Duas phylarmonicas tocavam alternadamente variadas peças, de tarde, no arraial, em quanto os romeiros se divertiam, conversavam, comiam melancia e doces, ou bebiam alguma pinga de vinho, de licôr ou de limonada. Felizmente tudo correu em santa paz. No proximo domingo terá logar na mesma capella a festa de Nossa Senhora da Guia. Tambem costuma ser muito concorrida.

— Na proxima segunda-feira terá de ir a essa cidade o digno parocho d'esta freguezia. A isso o obriha o serviço do recrutamento.

— Por hoje nada mais.

* * *

COMMUNICADOS

Sr. redactor.

O tribunal da imprensa é aquelle onde todos recorrem para se justificarem e desaggravarem a sua dignidade. Vem um artigo n'um jornal em que é feita uma censura aos cantores que assistiram a uma funcção em Parada de S. João d'Areias, a que respondo.

Em abono da verdade, o auctor foi mal informado. E longe de nos sentirmos magoados, antes lhe agradecemos as benevolas expressões com que se dignou *mimosear-nos*, porque nos dá o ensejo de desmascararmos em tempo *competente umas endrominas que um* tal sujeito tem tecido contra nós, mas nada perdemos perante as pessoas que nos conhecem. A orchestra é dirigida por um habil director, que esteve muitos annos á frente d'uma philarmonica regimental, onde conseguiu um nome glorioso á custa do trabalho e que não perde o merecimento pelos ditos do phantastico informador.

Se bem que não merecemos a confiança d'este grande apreciador, declaramos que nos é indifferente, porque consideramos tão pouco pezo e merecimento aos seus actos e á sua critica, que a phrases tão banaes não lhe ligamos importancia. Não lhe agrada a melodia, mas sim o ronco som do bronze. Se não lhe merecemos confiança, tambem as suas obras não tem tido acceitação n'algumas partes. O auctor revelou o odio e despeito que nos tem, mas perdoamos-lhe como o martyr do Golgotha, porque não sabe o que diz.

Pela inserção d'estas linhas lhe ficará muito obrigado o

De v. etc.

Midões 28 de agosto de 1888.

Argus.

NOTICIAS DIVERSAS

Despachos de justiça

—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel José Antonio Maria de Souza Azevedo, nomeado sub-delegado do procurador regio na 6.ª vara da comarca de Lisboa.

Bacharel José Maria de Abreu Freire, idem na comarca de Ovar.

Francisco Pereira de Queiroz Lacerda, idem na comarca de Ponte da Barca.

Bacharel Ildefonso Marques Mano, exonerado, como requereu, de logar de juiz municipal do julgado de Aviz, na comarca de Fronteira.

José Pinheiro Forte Junior, exonerado do officio de escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Cantanhede.

Francisco Augusto Pinheiro Forte, nomeado escrivão e tabellião de juizo de direito da comarca de Cantanhede.

Antonio Liberato de Araujo Dias, nomeado definitivamente para o officio de escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Thomar, que serviu no impedimento de Francisco José Dias.

Alberto Carlos Pedreira, nomeado definitivamente para o officio de contador e distribuidor do juizo de direito da comarca de Arganil, que serviu no impedimento de Manuel José Pereira.

Thomaz Antonio Xavier Soares de Albergaria, contador e distribuidor do juizo de direito da comarca de Estarreja, declarado nos termos de ser substituido no officio por impedimento fisico permanente.

Emilio Gerardo Alves Vieira Lisboa, nomeado contador e distribuidor do juizo de direito da comarca de S. Vicente.

Alvaro Carlos da Fonseca e Silva, nomeado escrivão do julgado municipal do Barreiro, na comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo.

Bacharel Jayme da Silva Ribeiro, nomeado para servir provisoriamente o logar de director da cadeia civil da cidade do Porto.

Concurso de belleza.

—Um grande concurso universal e internacional de belleza, offerecido ao bello sexo, abrir-se-ha no dia 15 do proximo, mez, nos salões do casino em Spa. Os premios variam entre 90 mil réis, 900 mil réis, e um conto e oito contos, havendo alem d'isso premios consistindo em joias de alto preço e diplomas. As vencedoras d'este grande torneio, serão photographadas e os seus retratos reproduzidos pelos maiores artistas da epoca. E' necessario para ser admittida ao concurso, ter de **18 a 35** annos, nem mais nem menos. As concorrentes serão admittidas, sob a apresentação de uma photographia, sendo facultativo concorrer sob outro nome. As despezas de viagem, serão pagas ás concorrentes, ficarão n'um hotel em Spa, sendo as despezas pagas pela commissão organisadora do concurso, devendo estar ahi até ao dia 14. Aviso ás bellas portuguezas.

Parricidio e suicidio.

—Na segunda-feira passada deu-se em Londres um caso tristissimo. Um official reformado, o major Hare, foi assassinado por seu filho, Gordon Hare, que, logo em seguida ao crime se suicidou. Parece que Gordon Hare já ha tempo dava os maiores desgostos á familia, por causa da sua desregrada vida. Os paes tinham-lhe dado por varias vezes dinheiro para que elle saisse de Londres. Mas elle, depois de curta viagem, voltava sempre, provocando desordem e escandalo na casa paterna. Ainda ha dois annos o pobre pae teve de leval-o aos tribunaes por causa de actos de violencia. Na segunda-feira á tarde, Gordon Hare apresentou-se novamente em casa do pae, que tinha saído.

Gordon resolveu esperal-o junto da porta da rua e, apenas o major, que voltava da egreja, entrou, ouviram-se tres tiros de rewolver.

A policia, que correu immediatamente, encentrou o major Hare estendido morto perto da porta e o filho, que dera um tiro na bocca, respirando ainda; mas fallecendo pouco depois no hospital para onde o levaram logo em seguida ao triste acontecimento.

SECÇÃO AGRICOLA

CHRONICA D'AGOSTO E FACTOS DIVERSOS

Situação viticola.—Sementeiras de grainhas americanas.—Cubas de alvenaria para recolher os vinhos novos.—A chlorose das cepas americanas.—Novos mercados de vinhos—As vinhas do sr. Conde de Alpendurada.

SITUAÇÃO VITICOLA.—Sómente com os primeiros dias d'este mez é que começou o verão de 1888. Já não era sem tempo, pois que as vinhas, enfesadas, com o fructo *aganado*, por causa do excesso de humidade e falta de calor, a custo se desenvolviam, sendo invadidas por toda a casta de doenças parasitarias:—o *oidium*, que as repetidas enxofrações nem sempre conseguiram debellar; o *mildiú*, que nas baixas da Extremadura, no Alemtejo e no Ribatejo tomou este anno larga extensão, exibindo a forma mais prejudicial do ataque ao cacho *(Rot brown)*, em que os bagos das uvas apresentam a côr cinzenta clara ou mais escura, côr de chocolate; a *anthracnoze* que, como appareceu tardia, dirigiu os seus ataques á uva, manifestando, ao que parece, a forma ponctuado, para nós inteiramente nova; a pequena *lagarta agostinha*, a ultima (?) geração annual do pulgão, que tão extraordinariamente se multiplicou este anno, custando a destruir com o enxofre moído; e, finalmente, um certo mal estar geral, que, na verdade, imprimia a todos os vinhedos um aspecto differente do que se nota nos bons annos de vinho.

Felizmente que o calor chegou, e com elle o estacionamento da invasão d'aquellas cryptogamas e a melhoria no desenvolvimento da vegetação das cepas e na creação das uvas, que agora entram em maturação; mas, para nem tudo serem rosas, os calores subitos queimaram muita uva, principalmente nas vinhas que haviam sido desfolhadas e nas que perderam a folha por effeito do *mildiu*, e a phylloxera começa agora a acentuar mais sensivelmente os seus enormes estragos em todos os vinhedos invadidos.

Na região de Torres e Merceana parece que uma grande queimada destruiu a vegetação d'aquellas encostas: não se veem senão vinhas seccas, muitas das quaes já este anno foram semeiadas de cereaes e outras arrancadas.

Calculamos que, alli, metade da colheita está perdida. E, parece incrivel, em dois annos apenas! Porque em 1885 e 1886 havia já muitas nodoas, mas a devastação quasi geral, que hoje se observa, é verdadeiramente assombrosa. Esta rapidez na morte das vinhas phylloxeradas só tem succedido nas vinhas da região de Torres, o que se póde attribuir á susceptibilidade de *tinta miuda*, aos terrenos muito argillosos, caroaveis a propagação do insecto e á acidentação do terreno favoravel ás enxamagens de verão

Em tratamentos insecticidos quasi ninguem pensa em Torres, Alemquer e Cadaval, porque os resultados obtidos, já por defeito do terreno, já porque de principio se não sympathisou com o systema e não se dedicou ás primeiras applicações a attenção e cuidados necessarios, não são realmente animadores. Todos olham para as cepas americanas como unica taboa de salvação. Ainda bem; mas oxalá que, com as precipitações e imprudencias, se não comprometta tambem este meio de defeza.

Em vista, pois, da devastação da phylloxera e do mau anno que tem corrido, julgamos que a colheita proxima será, no geral do paiz, bastante inferior ás duas anteriores.

Que ao menos a salve a boa qualidade, e tenha melhor venda que a passada, da qual uma parte consideravel se conserva ainda nas adegas.

SEMENTEIRA DE GRAINHAS AMERICANAS.—Com os enormes prejuizos causados pela phylloxera, principalmente na Extremadura, muitos proprietarios pensam em lançar mão das videiras americanas, despresando os tratamentos insecticidas, cujos resultados não teem sido, por causa da grande plasticidade dos terrenos, geralmente animadores; e, n'este sentido, nos teem sido dirigidas perguntas para que indiquemos quaes as melhores qualidades de grainha, que podem ser semeiadas com o fim de constituirtm viveiros.

Sômos completamente contrarios á sementeira de grainhas na cultura pratica da vinha americana. Só a comprehendemos nas regiões completamente indemnes, onde não é permittido a entrada de bacellos, e nas escolas, estações ampelographicas etc., onde julgamos esta pratica utilissima para a creação de novas variedades, para os ensaios de hybridação e para varios outros fins altamente interessantes para a viticultura.

O viticultor pratico, que puder importar na sua região bacellos das cepas resistentes, não deve pensar um momento em sementeira de grainhas.

Em primeiro logar, a reproducção por este systema é morosa, e os bacellos que se tiram das sementeiras só passados annos e á custa de cuidados especiaes, adquirem grossura sufficiente para serem enxertados.

Em segundo logar, para a multiplicação do Jacquez e de outros productores directos, não serve a sementeira, porque não ha a certeza de que todas as plantas nascidas reproduzam exactamente a mesma casta e venham com os mesmos caracteres e aptidões, como succede com o bacello ou com o enxerto. Póde, é certo, sair uma ou outra planta de qualidades distinctas, mesmo melhor do que a que produziu a grainha, mas geralmente voltam ao typo da especie e, n'este retrocesso, perdem-se quasi sempre as qualidades especiaes que tornam preferido o productor directo.

Quando se trata de multiplicar cepas para cavallos de enxertia não é este inconveniente tão grave; a planta de semente póde até muitas vezes tornar-se mais selvagem e mais resistente, mas póde tambem, mórmente se é um hybrido, voltar á especie menos resistente e perder ou diminuir-se-lhe esta preciosa qualidade; e, em ambos os casos, terem desapparecido as qualidades (de adaptação ao solo, affinidade para a enxertia, etc.,) que a tornavam recommendavel.

Em vista d'isto, os melhores meios de propagar rapidamente e com segurança as castas americanas de conhecido valor são: a estaca e a enxertia.

Ha castas americanas que enraizam tambem como as indigenas, podendo plantar-se de bacellos simples, com o mesmo exito que teem as bacelladas indigenas; n'este caso estão a Riparia, a Rupestris, a Solonis, etc. Para estas então não é necessario viveiro, senão para as retanchas; arranjam-se os bacellos e plantam-se logo de vez como se faz para as nossas bacelladas. Não quer isto dizer que se não deva fazer viveiro de estacas; o bom pratico deve ter o seu viveiro para retanchas, e para enxertia, pois nós somos muito da opinião das enxertias em viveiro, transplantando-se para a vinha barbados enxertos. E, quem tiver terreno proprio para viveiros, não perderá tempo, antes ganhará, em plantar vinha só com barbados de um ou dois annos. O tempo que estes estiverem no viveiro é rapidamente compensado pelo maior desenvolvimento depois da plantação.

Ha, porém, castas americanas que difficilmente pegam d'estaca, taes são o Jacquez e todas as æstivalis, a V. Cordifolia, a V. Cineria, etc., e para estas é preciso usar de processos especiaes de estacaria, escolher terrenos muito ligeiros e apropriados, ou então empregar a enxertia da casta americana, que se quer reproduzir, em cepas indigenas que ainda tenham sufficiente vigor, mettendo o garfo bem fundo, no unhamento, porque, assim, o garfo americano cresce desenvolve-se e emancipa-se do cavallo, lançando raizes proprias, que muitas vezes o podem alimentar sem auxilio d'este, permittindo-lhe vegetar e produzir como se fôra um bacello de pé franco.

Se a vinha a reconstituir está bastante espaçada, póde ainda usar-se o systema mixto da enxertia seguida da mergulhia funda, desmamando-se depois a nova cepa resistente, da cepa mãe europea, que se arranca, para ficar substituida pela americana.

Em qualquer dos casos a enxertia é um meio de obter bacellos rapidamente, com boa grossura e em grande quantidade. Os viticultores da Merceana teem usado a enxertia do Jacquez nas cepas indigenas e teem obtido resultados excellentes. Vimos alli cepas suberbas com enormes quantidades de magnificas varas.

Estes bacellos são depois tirados para viveiros, para se fazerem barbados, ou mergulhados para se ir fazendo o repovoamento, ou, se a enxertia se fez no unhamento, para substituir o cavallo que lhe serviu de ama. Qualquer dos processos é preferivel á sementeira.

(Continua.)

SECÇÃO LITTERARIA

D. NICOLAU NAZONI

(AO MEU AMIGO J. MACEDO ARAUJO JUNIOR)

Ha vidas a que anda ligado um mysterio. O mundo raras vezes logra desvandalo porque é só o tumulo o abysmo que o sorve.

A Italia que é (como disse E. Castelar) a eterna musa da arte, que tem erguido monumentos em muitos pontos do espaço e enchido de harmonisa as prégas do ar; a Italia tem visto os seus filhos e entre elles alguns dos mais dilectos, caminharem pelo mundo em longas romagens e uns voltarem cobertos com os laureis de distinctos triumphos, outros com os andrajos da miseria, e alguns quedarem-se entre povos bem distantes: é que este é o destino da arte, é esta a sorte do talento, é esta a condição do genio cujas azas se agitam nas elevadas paragens do bello, descendo ou pairando sem se importar com o tempo ou com o espaço.

Não ha paiz aonde um ou outro filho d'esta nação excepcional não tenha deixado de si memoria ou tradicção por meio do culto do bello.

Já não quero fallar dos artistas do theatro que têem deliciado os nossos ouvidos na execução das operas dos grandes *maestros*, porque é longa a escala desde a celebre Giuntini que cantou a primeira opera no Porto e a celebrada Zamperini que *debutou* no theatro da rua dos Condes, até ás ultimas notabilidades que temos admirado, porque esses comparo-os ás andorinhas, que pairam de terra em terra, com a differença de que estas nos visitam no verão e os artistas do theatro lyrico no inverno.

No ultimo quartel do seculo passado houve dois architectos naturaes turaes d'esse paiz que deixaram no Porto dois monumentos a perpetuar a fama do seu nome, um foi Vicente Manzoneschi que fez a planta do theatro de S. João e outro foi D. Nicolau Nazoni que riscou e dirigiu a obra da egreja e torre dos clerigos. A'cerca do primeiro ainda não pude apurar se riscou apenas a planta ou se dirigiu pessoalmente a obra, a respeito do segundo vou dizer algumas noticias que encontrei.

Sabe-se que do meado do seculo XVIII já D. Nicolau Nazoni vivia no Porto, e quando em 1731 a irmandade dos Clerigos resolveu fazer o seu magestoso edificio, não hesitou em lhe acceitar o plano e confiar-lhe a construcção, apesar de tão arrojada.

Nazoni começou com enthusiasmo a sua tarefa, e digo isto, porque já na solemnidade do lançamento da primeira pedra da egreja, em 2 de junho de 1732, elle dirigiu as pomposas festas que se fizeram e as illuminações que se realisaram na vespera de esse dia.

Assim como João Frederico Ludovice deixou o nome ligado á grandiosa obra de Mafra e á capella-mór da Sé d'Evora; assim como ao visitar-se as sés de Coimbra e Lisboa nos lembra o nome de Mestre Roberto; assim como por entre os rendilhados da Batalha parece ler-se o nome de Affonso Domingues e nos do claustro d'Alcobaça o de Domingos Domingues; do mesmo modo como as escadarias e o templo do Bom Jesus nos chamam á memoria o architecto Amarante, que tambem riscou as egrejas da Trindade e Almas das Taypas n'esta cidade; assim D. Nicolau Nazoni quiz deixar a sua fama perpetuada no mais conhecido e memorado edificio do Porto.

A' maneira como as difficuldades da construcção se erguiam, mais corajoso as debellava e á proporção como o templo e a torre se iam alteando, mais augmentava o justo merecimento que havia de constituir a gloria d'este illustre filho da Italia.

Não sei se fez mais algumas obras n'esta cidade porque viveu aqui largos annos, e, tendo terminado a obra dos Clerigos em 1763, veio a fallecer em 1773 e essa epocha representa na historia do Porto o movimento dos melhoramentos começados por D. João d'Almada e Mello e continuados por seu filho D. Francisco d'Almada.

Foi casado com D. Antonia Mascarenhas Malafaya e d'este matrimonio ficou uma filha, por nome Margarida, que foi herdeira do pouco que o architecto deixou á hora da morte.

Nazoni declara no testamento que era natural do Gran Ducado da Toscana.

Falleceu aos trinta de agosto de 1773 na viella do Mendes, da rua do Paraizo, da freguezia de Santo Ildefonso, e, depois de se lhe cantarem os respectivos officios, foi enterrado na propria egreja que havia construido.

Apezar de ter feito testamento, deprehende-se do livro dos obitos, que se conserva no archivo da Irmandade dos Clerigos, que o illustre architecto morreu pobre.

Quem sabe quantas lagrimas elle verteu no peito da adorada filha que estreitava contra o coração na hora extrema, ao ver descer o véo da morte longe da sua patria e nos horrores do abandono!

E' muitas vezes este o destino do talento, a partilha dos mais dilectos filhos da arte.

F. J. Patricio.

Porto—1885.

UM ACCIDENTE

D. Beatriz havia-se levantado mais cedo n'aquelle dia. Era um domingo de quaresma, triste, um pouco annuveado, com um arzinho frio, que fazia aconchegar as pelucias do pescoço.

Fez vestir o Arthur, o unico filho que lhe ficára á morte do marido, e saiu para a missa das nove, grave, toda seria na sua *toilette* de viuva, correspondendo aos cumprimentos respeitosos, que dos lados lhe dirigiam.

Quando acabou a missa, tomou a mãosita do seu Arthur, e como elle se queixasse do frio, desapparecendo, encolhido, no seu pequeno *pardessus*, deixou-se guiar para a estrada, onde uma nesga de sol fazia no macadam branco e frio reflexos quentes e doirados. Andaram assim um pedaço, callados, movendo os passos rithmicamente, como se os passos de ambos obedecessem a uma cadencia estudada, uniforme e regular. Havia n'aquelle andar um não sei quê de lugubre, um não sei quê de extraordinario, que fazia desapparecer a creança, essa edade em que a volubilidade se accentua em todas as coisas, para dar logar ao homem que pensa, ao homem que scisma, ao homem em cujo cerebro labuta uma ideia insistente, uma preoccupação teimosa.

E realmente em Arthur dava-se o phenomeno precoce do pensamento, um pensamento que era sentido, que o atormentava, que o acabrunhava desde a vespera.

Fôra o caso de uma lição má, que tinha dado no sabbado, em desenho, —Tinha-lhe o professor marcado, para trazer copiado, um toucador; e elle, que manifestára sempre uma tendencia declarada para o desenho, colhendo sempre bons pontos em premio dos seus trabalhos, no sabbado fizera a sua lição por demais, sem attenção alguma, com o compendio fechado, e no momento em que estava a dar a hora da eschola. O professor chamou-o de parte, deu-lhe uma reprehensão particular, mas severa, com a firme recommendação de que não tornasse a fazer outra!

Aquellas palavras do professor doeram-lhe, fizeram-lhe o effeito de uma chibatada no seu brio de estudante classificado.

Fôra para o logar, muito abatido, apeiado, chocado como se tivesse dado uma grande quéda. Porque lhe parecia que os outros tinham ouvido, que estavam a rir intimamente, a gosar no seu silencio d'aquelle desastre. Quando sahiu, foi direitinho para casa, pôz-se a chorar junto da mãe. E a mãe, que o acariciava cômo creança e o adorava como filho, perguntou com interesse, com verdadeira anciedade:

— Que succedera? Que lhe tinham feito na eschola?

Contou tudo, menos a circumstancia da reprehensão.

Não quizera que a mãe soubesse tambem que o mestre lhe ralhara. Aquillo poderia ir affligil-a, resolvel-a a mudar de professor, e elle queria rehabilitar-se, queria retomar no conceito do mestre o logar de que havia sido apeado por causa do seu desleixo.

Por isso ia meditando na fórma de estudar bem as suas lições para a segunda-feira. Havia de levar a grammatica na *ponta da lingua*, o problema resolvido, o desenho perfeito como se fôra feito na *imprensa*. Mas a D. Beatriz sentia n'aquelle resentimento da creança alguma coisa de anormal, de vago que a fazia receiar pela sua tranquillidade.

Sempre tivera por aquelle filho os extremos d'uma adoração; mas desde que o marido lhe fallecera, havia tres mezes, d'uma pneumonia, prendera-se toda áquella pequenina existencia, vivia só d'ella, como se n'ella estivera a reconcentração da sua vida. E então fazia-lhe todas as vontades, inventava-lhe desejos, creava-lhe necessidades, só para se occupar d'elle, para se tornar a sua creatura, o *vicio* dos seus caprichos, das suas infantilidades. Por isso deixava-se guiar por elle, como cega, sem uma recriminação para os seus disturbios naturaes, sem uma censura para os seus desejos mais impensados, se os tivesse. Mas na estrada, ao principio d'uma curva, abria-se um caminho mal praticado, que dava para um cabeço, onde havia mais sol.

Arthur encaminhou a mãe por ali, sem saber porque, n'este instincto ingenito e natural de procurar o melhor estar, pedido pelo enregelamento dos seus pequeninos musculos. Subiram, sempre devagar, trocando apenas palavras, que não logravam logo cortar o fio das suas apprehensões. O sol ahi era largo e bom, prendendo-se em amplexos quentes nas moitas das tojeiraes em flôr.

O ceu vinha abater-se sobre o topo da collina, n'uma irradiação azulada e doce, algodoada de onde a onde por nuvens quasi imperceptiveis. E os dois iam subindo, subindo sempre, arfando d'um pequeno cansaço, tonifica do os pulmões n'aquelle ar medicinal do campo, pacificando o espirito n'aquella paz infinda.

Pouco a pouco aquellas almas foram cedendo á alegria da paisagem, e o dia logo tornou-se o dialogo vivo e sincero da mãe que falla a seu filho, do filho que falla a sua mãe.

E' que o dia frio e nevoento ia-se desdobrando em luz, d'essa luz morna e suave, que presagia a primavera, e o grande lucto das coisas ia-se diluindo em galas que instrumentam, de concerto, os tojaes em flor, os esplendores do sol e a suavidade do azul.

Quando chegaram ao alto, Arthur, voltou-se para o ponto em que a vertente se estendia n'uma garganta de rochas, e não pôde suster uma exclamação:—Vê-se tudo d'aqui, mamã! E' como se estiveramos no cosmorama. E recordou, então, aquella noite em que fôra ao cosmorama vêr mundos tão bonitos por um buraquinho circular, onde havia um vidro... Ia tambem o papá. E nunca mais tornou a sair, nem mais teve saude... A D. Beatriz não podia ouvir fallar do marido.

Vinham-lhe lagrimas, e precisava de coragem para emprestar áquella creança franzina, tão propensa á melancholia.—Queres vêr a nossa casa d'aqui, Arthur?

A creança queria vêr. Era aquella alta, nova que sobresaía elegante no meio do bairro, feito de casarias pobres, além, no principio da cidade.

A cidade ficava pendurada na falda do monte ao fundo, pequenina como se fôra feita de cartão. Um rio manso, liso, corria espraiando-se, deprimindo-se nas accidentações do terreno.

Renques de choupos punham tons escuros, arabescos phantasticos, no espelho das aguas claras.

Tiras de campinas a rirem nos seus esplendores de verdura fartavam a voracidade das vaccas nedias e vermelhas; o moinho de vento na outra vertente, immovel, estendia no ar as suas azas brancas, como um passaro bizarro e formidavel, espanejando-se ao sol. Foram descendo pelo despenhadeiro do outro lado, attrahidos, cheios de curiosidade, com vontade de voltarem para casa por um caminho opposto ao que trouxeram. Mas o piso ia se tornando difficil, impraticavel.

As crypogamticas alastravam-se como esponjas, iam cedendo ao arrastamento dos pés, alisando-se, polindo-se, no contacto dos sapatos.

D. Beatriz estava já arrependida de tomar aquelle caminho, pelo perigo que se lhe ia antolhando. E na sua sollicitude natural, aconselhava Arthur a que se segurasse, que não abandonasse a sua mãe. Mas a vertente rasgava-se n'um fosso enorme, talhado a prumo sobre uma moita de pedregulhos que o rio banhava silenciosamente.

— Olha, vae por aqui, filho!

E indicava-lhe um carreiro estreito, ingreme, que contornava o precipicio. Porém a creança poz o pé n'uma pedra avulsa, e caiu. E na precipitação da queda soltou-se das mãos de D. Beatriz e foi resvalando, resvalando, da lisura dos musgos, até cair na profundidade do fosso de cincoenta metros de altura, sobre os pedregulhos dentados.

D. Beatriz soltou um grito agudo, estridente. E na apoplexia da sua dôr, bamboleou-se sobre o abysmo, e lançou-se tambem. Mas uma moita de silvas aparou-lhe a queda a meio do fosso, prendeu-a pelos vestidos. E um homem, que pastoreava as vaccas no almargeal proximo, correu, veiu salvar a desgraçada, obstar áquelle duplo sinistro.

*

D'ahi em diante D. Beatriz nunca mais saiu de casa, e fechava a janella ao sol, com rancor de inimiga irreconciliavel.

Chamava-lhe «traidor, e assassino de seu filho!»

Nunes de Azevedo.

O HOMEM ALEGRE

(E. GUEDOAU)

Quando elle nasceu, as fadas reuniram-se em torno do seu berço, convidadas pelas notabilidades do seu paiz natal. Uma offereceu-lhe a intelligencia, outra a força e a graça, uma terceira a belleza varonil, a quarta a agilidade, em summa: todos os dotes que se pódem imaginar: o amor, a bravura, a poesia e um bom estomago.

Unicamente—sabeis como, embora se seja uma notabilidade, se esquece sempre o essencial,—esqueceram-se de convidar a fada Carabosse. Esta fada illustre nunca é comprehendida nas listas de convite, e todavia ninguem ignora que ella costuma vingar-se de isso cruelmente. Apesar de tudo, a fada Carabosse apresentou-se, e inclinando-se sobre o berço do recem-nascido, pronunciou esta phrase desastrosa, atroz, torturante: «Tu possuirás a alegria! serás um homem alegre!»

Ao ouvirem esta lamentavel prophecia, as outras fadas fugiram, dando gritosinhos de susto; as notabilidades ficaram estupefactas, e o pae e a mãe inclinaram-se como a um frio vento de neve.

A fada Carabosse, feiticeira temida repetiu:

— Tu serás alegre! tu serás alegre! tu serás alegre!

E desappareceu, deixando um forte cheiro a enxofre no aposento e nos echos do logar a resonancia triplice de um cascalhar infernal.

A infancia do homem alegre foi desgraçada. Posto que dotado muito particularmente; intelligente, bravo, robusto, agil e munido d'um bom estomago, passou o tempo dos seus estudos em castigos variados, más notas, palmatoadas, calaboiço, pão secco, etc.

As licções sabia-as elle; os seus deveres mereciam-lhe os melhores logares, como lhe haviam promettido as boas fadas; mas ai! o dote da fada Carabosse, a alegria, traduzia-se em risos mal comprimidos, risos tolos, por nada,—uma mosca que pousava no nariz do mestre escóla, um camarada que cahiu, um tinteiro que se entornava...

Este riso denunciava-o, riso estrondeante que se escapava em cascatas...

O homem alegre teve uma infancia dolorosa.

O homem alegre foi reprovado no bacharelado, porque teve a audacia de rir na Sorbonne, coisa que nunca se tinha visto. Tolerava-se apenas o sorriso, e, ainda assim que sorriso! A gargalhada do homem alegre pareceu intoleravel, nauseabunda, uma expectoração doentia, contaminante. O grande riso universitario é reservado aos deuses do Olympo homerico; os pobres mortaes não devem servir-se de elle.

Mas que importava o titulo de bacharel a este moço sabio como um benedictino, que lia o grego e o hebreu, e decifrava o cuneiforme? que, além d'isso,—graças ás boas fadas—sabia andar, dançar, cavalgar, manejar a espada, contar a anedocta, fazer versos, cantar Wagner, desembaraçar-se das questões da politica, da economia politica, e ainda em cima de tudo isto, jogar o *lawnetenis*, nadar, remar, compor charadas, walsar e conduzir um cotillon até á madrugada? Que lhe importava?

O homem alegre, munido d'estas habilidades, apresentou-se no mundo. Não teve exito algum.—O riso—oh! aquelle riso da fada Carabosse!—o maldito riso, indecente como umas calças de banho no meio d'um salão, o estupido riso gaulez, que offende o *cantar* inglez, tornou o homem alegre insupportavel. Entes graves e profundamente tristes faziam grande figura ao lado d'elle, tinham aventuras amorosas, duellos celebres. O calôr da sua alegria lançava um frio inaudito na duqueza de Mérovée, na baroneza Isaac, em lady Macploor, na princeza Nadia e mesmo na riquissima americana a sr.ª Jonathlan.

O homem alegre bateu em retirada e desceu ao *demi-monde*. Alli, peior ainda! As horisontaes, sérias e nobres como bonecas, não o poderam supportar. O homem ficava virgem, sem esperança. Resolveu casar-se.

Procurou no *Marais* uma rapariga mais pobre do que elle. Fez-lhe a côrte, mas os paes d'ella, vendo tão alegre aquelle sujeito, entenderam que elle lhes faria a filha desgraçada, visto não ser um homem sério.

Revoltou-se então, e resolveu mergulhar-se n'uma paixão sombria: o *bacearat*. D'ali por diante ninguem viu o homem alegre senão nos circulos, girando em redor das mesas, talhando ou jogando; a bolsa esvasiava-se, mas a alegria resistia.

Todavia, as perdas suggeriram-lhe a idéa do jogo illicito: tratou de fazer *batota*. Veio-lhe uma reputação desgraçada e nas casas de jogo principiaram a olhal-o de revez.

Então! oh! foi então que elle, refugiado no seu gabinete solitario, reflectiu, e descobriu que os modernos puros sentem horror pela alegria. Resolveu tornar-se sinistro.

Encontrando-se com um dos homens que, a proposito das scenas de jogo, se lhe tornara hostil, desafiou-o a duello. No terreno, onde varou de lado a lado o adversario, mostrou-se d'uma alegria doida, convidando no fim do acto as testemunhas para um jantar congratulatorio. As suas proprias testemunhas, indignadas, lavraram uma acta em que o accusavam de incorrecção, abuso de força e de perversidade.

Passou ás mãos do poder judicial —para ser julgado. No dia da audiencia foi chamado antes d'elle outro réo: um homem triste, que o defensor fez absolver, classificando o hypocondriaco portanto de certo modo irresponsavel.

Com o homem alegre mudou o caso de figura. Homem escandaloso! Rindo da virtude, rindo da infamia! Nada de circumstancias attenuantes! Nada de compaixão! Foi condemnado a dez annos de trabalhos publicos. Nunca mais tornaremos a ver esse homem jovial.

E ahi está porque todos os homens alegres são tristes. E' ver os grandes comicios.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 30

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos ecclesiasticos.

Mappa do movimento dos espolios no consulado de Portugal em Pernambuco durante o mez de janeiro de 1888.

Diario de 31

Portaria declarando que os dois annos a que se refere o paragrapho 1 do artigo 68 do regulamento geral dos lyceus sobre a approvação de desenho para a matricula nas faculdades de theologia e direito e curso superior de letras, se devem contar a partir do anno lectivo de 1886-87 inclusivé.

Varios despachos judiciaes.

Decreto e regulamento para o direito de fabricação de manteiga artificial.

Aviso de que o pagamento de juros dos emprestimos de 5 por cento de 1876, 1879, 1881 e 1886, fundo para a conversão da lei de 30 de junho de 1887 fica transferida para o dia 4 de setembro.

Copia do testamento de Manuel Martins da Silva Vianna, natural de Mattosinhos, e fallecido em Paris.

Diario de 1

Varios despachos judiciaes.

Decreto estabelecendo prescripções para o resgate das obrigações do emprestimo de 5 por cento de 1881.

Projecto da emissão do novo fundo de 4 1|2 por cento.

Portaria reduzindo a 3 1|2 por cento ao anno o juro dos depositos das cauções em dinheiro dos responsaveis á fazenda publica.

Annuncio de estar aberto concurso de habilitação aos logares de delegados de procurador da corôa e fazenda do Ultramar.

44

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

«Acharás bem depressa meios para fazer inchar de novo a tua bolça; mas se te deixas estender sobre aquellas grêlhas ardentes, nada poderá depois curar-te o couro e a carne queimada. Conta o teu resgate, te repito, e regozija-te por sair tão barato d'um carcere, que bastantes pessoas quereriam ter largado por tal preço. Não tenho tempo a perder, decide-te, e escolhe, ou a tua pelle, ou o teu dinheiro.

— Abraham e todos os santos patriarchas me soccorram! exclamou o judeu: é-me impossivel, visto que não tenho meios para satisfazer á vossa pretenção exhorbitante.

— Agarrem-no e despojem-no, diz Cabeça-de-Boi aos escravos, e que venham soccorrêl-o os seus patriarchas se poderem.

Os dous escravos avançaram então, agarraram Isaac, arracaram-o da pedra em que estava ainda assentado, e tendo-o em pé entre elles, com a mão posta sobre a sua capa, tinham os olhos fixos sobre Reginaldo, não esperando mais do que um signal para começar a sua operação. O desgraçado judeu olhava ora para Cabeça-de-Boi, ora para os ministros da sua crueldade, na esperança d'achar n'elles algum signal de compaixão; mas o barão permaneceu com o aspecto carrancudo, e um sorriso ironico annunciava que todo o accesso do seu coração estava fechado á piedade; os olhos selvagens dos sarracenos, rolando-lhes nas orbitas com uma expressão sinistra, pareciam provar que esparavam com impaciencia feroz o momento d'um supplicio, em que contavam achar um bar*baro prazer. Lançando então os olhos* sobre o brazeiro ardente, no qual o iam estender, e perdendo toda a esperança, Isaac sentiu que a sua resolução o abandonava.

— Pagarei as mil libras de prata, disse elle suspirando; quero dizer, accrescentou elle apoz um momento de reflexão, pagal-as-hei com a ajuda de meus irmãos, pois que é preciso que mendigue á porta da nossa synagoga, para poder obter uma somma tão consideravel, enorme e inaudita. Quando, e onde vol-a deverei contar?

— Aqui. É debaixo da abobada d'este calabouço, que ella deve ser contada e pezada. Julgas tu que te ponho em liberdade antes de ter recebido o teu resgate?

— E que garantia terei de ser solto depois de ter pago?

— A palavra d'um nobre normando, vil usurario; a fé d'um nobre normando, cem vezes mais pura do que todo o ouro e prata da tua tribu.

— Peço-vos mil vezes perdão, nobre cavalleiro, diz Isaac com timidez, mas, porque motivo me devo eu fiar na palavra d'um homem, que recusa fiar-se na minha?

— Porque não pódes fazêl-o d'outro modo. Se estivesses agora na tua casa de York, assentado ao pé do teu ferreo cofre, e que eu fosse supplicar-te que me emprestasses alguns dos teus shekels, farias então as tuas condições, exigirias seguranças prescrever-me-ías a época do pagamento, e fixarias os interesses. Mas aqui é o meu thesouro aferrolhado, tenho toda a vantagem sobre ti: nem mesmo me dignarei de te repetir as condições, com que te concedo a liberdade.

O judeu soltou um profundo gemido.

— Espero ao menos, disse elle, *que com um tal resgate os meus companheiros de viagem serão soltos.* Elles despresavam-me, porque eu era judeu; e comtudo tiveram piedade da minha angustia. Foi por me concederem licença para que eu viajasse na sua companhia, que elles cairam na emboscada, que vós, me tinheis preparado. Além de quê poderão talvez ajudar-me a pagar uma parte do resgate.

— Se pelos teus companheiros de viagem entendes os teus rusticos saxonios, os seus negocios não teem nada de commum com os teus. Trata de ti, judeu, e não te importes com os outros.

— Mas ao menos póreis em liberdade o joven mancebo ferido, que eu trazia de York comigo?

— Queres que ainda t'o repita? trata dos teus negocios, e não te importe com os dos outros. Pensa em ti, pensa em pagar o teu resgate, e isso o mais breve possivel.

— Ouvi-me comtudo, diz o judeu, pelo amor do proprio dinheiro que quereis obter á custa da vossa... Parou aqui, temendo irritar o impetuoso normando. Mas Cabeça-de-Boi surriu-se, e acabando a phrase:

— A' custa da minha consciencia, queres tu dizer? Falla sem temor, Isaac, eu já te disse que não sou desarrazoado. Sei que quem perde a partida não tão tem vontade de rir, e posso supportar as reprehensões, mesmo d'um judeu. Tu não tiveste tanta paciencia quando atacaste em justiça Jacques Fitz-Dotterel, por te ter chamado sanguexuga, um infame usurario, depois de lhe teres devorado com as tuas exacções o seu patrimonio.

— Juro pelo Talmud, que enganaram n'isso vossa valente senhoria. Fitz-Botterel tinha tirado um punhal *contra mim na minha propria casa*, porque lhe pedia o que me era devido. O pagamento devia fazer-se na Paschoa.

— Tudo isso me importa muito pouco, respondeu Cabeça-de-Boi, com um ar indifferente: a questão é de saber-se quando poderei receber o que me deves. Quando é que me contas os shekels, Isaac?

— Basta só mandar-se minha filha Rebecca a York com o vosso salvo-conducto, nobre cavalleiro, e depois do intervallo necessario para a ida e a vinda, o dinheiro... (parou para arrancar um profundo suspiro); o dinheiro vos será contado aqui mesmo.

— Tua filha? exclamou Cabeça-de-Boi com um ar de surpreza. Pelos céus, Isaac, desejava ter sabido isso mais cedo. Eu julgava que a rapariga d'olhos pretos era a tua concubina, e dei-a por criada do quarto ao veneravel templario, sir Brian de Bois-Guilbert, seguindo o exemplo que nos transmittiram os teus patriarchas.

O judeu lançou um tal grito, quando ouviu esta noticia; que fez retinir as abobadas da prisão; e os proprios sarracenos ficaram tão aturdidos que deixaram caír das mãos a capa, que até então tinham sustentado. Elle aproveitou esta especie de liberdade, para se prostrar aos pés de Cabeça-de-Boi, e abraçar-lhe os joelhos.

— Tomai tudo o que me pedistes, nobre cavalleiro, lhe disse elle, exigi o dobro, pedi-me tudo quanto possuo, reduzi-me á mendicidade, atravessai-me com o vosso punhal, ponde-me sobre aquelle brazeiro, se assim o quereis; mas salvai minha filha; liberal Rebecca. Se tomastes vida no seio de uma mulher, poupai a honra de uma filha sem defesa. Ella é a imagem da minha pobre Rachel, e o ultimo dos seis penhores que alcancei da sua ternura. Quereis privar um pobre velho da unica consolação que lhe resta? Quereis reduzir um pai a lastimar que sua filha não fosse para o tumulto dos seus antepassados, ao lado da mãi que lhe deu a vida?

— Eu quereria ter sabido isso mais cedo, disse o normando n'um tom um tanto menos duro: eu julgava que a vossa raça só era ávida de dinheiro.

— Não penseis tão mal da nossa raça, disse Isaac, esperando pela apparencia menos feroz do cavalleiro, que poderia chegar a commovel-o: a raposa e o gato bravo, perseguidos pelos caçadores, não esquecem os filhos, e a raça perseguida de Abraham ama tambem os seus.

— Certamente! respondeu Cabeça-de-Boi; crêl-o-hei para o futuro por contemplação para comtigo, Isaac: mas isso não nos serve de nada n'este momento. O que está feito, feito está. Dei a minha palavra ao meu companheiro de armas, e não a quebrantaria por dous judeus ou duas judias de mais. Além de quê, que grande desgraça é para tua filha ser captiva de Bois-Guilbert? que mal lhe póde acontecer?

— Que mal? exclamou o judeu torcendo as mãos; que mal? qual é o templario que jámais respeitou a vida de um homem, e a honra de uma mulher?

— Maldito infiel! exclamou Cabeça-de-Boi com os olhos fulminantes de colera, e encantado talvez de ter um pretexto para se encolerizar; não blasphemes da santa ordem do templo de Sião, e não trates senão do modo de pagar o teu resgate, que me prometteste, ou cuidado comtigo!

— Salteador! assassino! exclamou o judeu fóra de si, e não podendo resistir á indignação que o transportava, *accrescentou*: não te hei de pagar nada! não has de receber de mim meia onça de prata, sem que minha filha me seja restituida.

— Perdêste a cabeça, israelita? Tens algum encanto para garantir a tua carne da acção do fogo e do azeite fervendo?

— Pouco me importa, respondeu Isaac, levado ao desespero pela ternura paternal: faze de mim o que quizeres, rasga-me os membros, faze queimar a minha carne, e devora-a. Minha filha tambem é minha carne, e uma carne que é mais preciosa do que aquella que tu ameaças. Não terás dinheiro meu, salvo se eu o podér fundir, e lançar-t'o pelas guelas. Não, não te hei de dar um só dinheiro, ainda que fôra para te salvar da condemnação, que toda a tua vida tanto tens merecido. Inventa novos tormentos para me fazeres morrer; e poderás dizer, que o judeu, no meio dos tormentos, soube vencer o christão.

— É o que vamos vêr, diz Cabeça-de-Boi; pois que pela bemaventurada cruz, que a tua nação tanto aborrece, vais morrer com o ferro e fogo... Agarrem-o, disse elle aos escravos, dispam-o, e prendam-o áquellas barras.

Isaac fez alguns esforços para resistir aos seus verdugos; mas a lucta era muito desigual; e os sarracenos, depois de lhe terem arrancado a capa, iam despojal-o dos outros vestidos, quando ouviram o som de uma trombeta resoar tres vezes, e quasi ao mesmo tempo muitas vozes bradaram a grandes gritos por Cabeça-de-Boi. O selvagem não querendo ser surprehendido na sua barbara e infernal occupação, fez signal aos escravos para que o seguissem, e saiu precipitadamente do carcere, deixando o judeu agradecendo ao ceu a dilação que lhe concedia, implorando successivamente a sua protecção para si e sua filha.

XXIII

Os termos da doçura são inuteis
Para abrandar um coração tão duro;
Como um soldado te amarei por força.

Two gentlemen of Verona.

O quarto, para onde lady Rowena tinha sido conduzida, estava mobilado com a magnificencia sem gosto, que constituia o luxo da época. Pondo-a n'esta parte do palacio dava-se á pupilla de Cedric uma prova de consideração e respeito, que os outros prisioneiros não tinham tido; mas a esposa de Cabeça-de-Boi, que tinha occupado em outro tempo este quarto, tendo morrido havia muitos annos, não era habitado depois da sua morte, de sorte que o tempo e a negligencia haviam deteriorado consideravelmente os ornatos e a mobilia. Os tapetes estavam despregados das paredes em muitos logares, em outros o sol tinha-lhes comido a côr, e por toda a parte se manifestava a acção destruidora dos annos. Este quarto, tal qual era, tinha sido julgado como o mais digno de receber a herdeira saxonia, e deixaram-a ali meditar sobre o seu destino até que os actores d'este drama criminoso tivessem escolhido os differentes papeis, que cada um d'elles devia representar; o que foi regulado em uma conferencia tida entre Cabeça-de-Boi, de Bircy e o templario; e cada qual tendo debatido os interesses, que se deviam tirar d'esta empreza atrevida, concertou-se em fim o modo como os desgraçados prisioneiros seriam repartidos.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

4 DE SETEMBRO DE 1888.

Como estava determinado, realisou-se hontem o juramento a que sua alteza o principe real era obrigado por ter assumido a regencia. Os corpos collegislativos, convocados para este acto, reuniram, pelas 4 horas da tarde, na sala das sessões dos senhores deputados. O sr. infante D. Augusto exercia o logar de condestavel. A's 5 horas deu entrada na sala sua alteza o principe real, acompanhado pelo sr. infante D. Augusto e por uma deputação de pares e deputados. Uma salva de artilheria annunciou a chegada do principe regente ao palacio das côrtes,—salva que foi correspondida por todos os navios de guerra surtos no Tejo.

No vestibulo do salão das côrtes formava alas a guarda real dos archeiros. Quando sua alteza entrou na sala, o prestito guardava a seguinte ordem:

Na frente os porteiros da canna, criados da casa real, seguidos do porteiro da real camara. Os grandes do reino na ala direita, as outras pessoas na ala esquerda. Na sala os pares do reino tomaram logar do lado direito, os deputados do lado esquerdo, em frente os ministros e conselheiros de estado, precedidos do portairo-mór ao centro, vedor da casa real á direita e mestre sala á esquerda. Tomados os respectivos logares o alferes-mór, com a bandeira real desenrolada, ficou na extremidade do degrau superior do estrado grande.

Sua alteza assentou-se. O presidente da camara dos pares, coadjuvado por dois moços fidalgos, apresentou-lhe os Evangelhos. Sobre elles jurou o regente:

«Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber.

«Juro egualmente guardar fidelidade a el-rei o senhor D. Luiz I. e entregar-lhe o governo, logo que regresse ao reino».

Leu, depois, sua alteza o seguinte discurso, findo o qual a ceremonia terminou, saindo sua alteza o regente da sala com o mesmo ceremonial com que tinha entrado.

Dignos pares do reino e srs. deputados da nação portugueza.—Tendo saido do reino el-rei o sr. D. Luiz, meu muito amado e presado pae, e competindo-me a regencia durante a ausencia de sua magestade, prestei ao assumil-a o juramento constitucional, que acabo de reiterar solemnemente. Este juramento continuará a ser por mim fielmente cumprido, pondo todo o meu empenho na escrupulosa manutenção da nossa constituição politica, no bem estar e na prosperidade do reino.

Quando pelo feliz e por mim mui desejado regresso de sua magestade, termine a elevada missão, que me incumbiram as leis da monarchia, desde logo entregarei o reino a meu augusto pae, e com o auxilio da divina providencia espero entregar-lh'o tranquillo e venturoso.

A este discurso, que sua alteza pronunciou com voz firme e cheia, respondeu, n'uma breve allocução, o sr. conselheiro João Chrisostomo, presidente da camara dos pares.

Os galantes filhos dos nossos amigos Bernardo Pindella e conde de Sabugosa aram os dois pagens que tomavam parte no cortejo. Estavam encantadoras as duas formosas creanças, que, com um grande serio, como quem mede bem a importancia do papel a que os chamaram, se desempenharam, já pela segunda vez, d'estas funcções.

Sua alteza a princeza D. Amelia, ao contrario do que corria, não tomou parte na ceremonia. A noticia da sua presença tinha chamado ás galerias um grande numero de senhoras, que ficaram assim illudidas na sua curiosa espectativa.

A sessão esteve muito concorrida, principalmente de deputados, que vieram quasi todos. As galerias estavam completamente apinhadas de senhoras. Cá fóra, nas ruas por onde o prestito seguiu, havia tambem muitissima gente. A ceremonia pouco mais durou do que um quarto de hora. Muitos dos deputados que vieram a Lisboa retiram ainda hoje no comboyo da noite.

As forças da guarnição foram assim distribuidas: No Terreiro do Paço 2 baterias de artilheria 1, que deram as salvas. Na praça de Belem os regimentos de infanteria 1, e cavallaria 2 e 4 que acompanharam o cortejo como guarda de honra. Caçadores 2 e 5 e infanteria 2, 5, 7 e 16 e artilheria 1 formavam em linha successiva, desde a calçada da Estrella. Toda a força da divisão era commandada pelo sr. general José Paulino de Sá Carneiro.

— El-Rei tem gozado lá por fóra excellente saude, e ainda bem que assim succede. A este respeito acabo de vêr uma carta em que se lê o seguinte:

«Em Munich, onde fomos visitar a exposição industrial—una verdadeira maravilha—depois de un longo exame, ficámos todos derrotados de cançasso, excepto el-rei, que se conservou sempre bem, examinando com grande minuciosidade todas as galerias e pavilhões.»

Isto diz quanto basta para nos certificar do estado de saude d'El-Rei.

Ainda sobre tão ponderoso assumpto escreve hoje o *Commercio de Portugal* o seguinte:

«Registamos aqui com verdadeira satisfação e sincero jubilo uma agradabilissima noticia, que temos por fidedigna, ácerca do estado de saude do nosso bem amado monarcha. Sua magestade, que, ao sair de Lisboa ainda convalescente, se achava alguma coisa enfraquecido pela longa e grave doença que soffrera durante alguns mezes, conservou-se quasi n'esse estado até á sua chegada a Francfort; pouco depois começou a experimentar mais energia e vigor, a ponto de não só poder continuar uma viagem seguida e rapida mas assistindo sempre a todos os actos officiaes a que a sua posição e a mais obsequiosa e cordeal hospitalidade o obrigaram. Em Vienna foi sua magestade observado pelo notavel professor de clinica da Universidade, o dr. Mosetig Moorol, em conferencia com os srs. drs. May Figueira e Lencastre, que acompanham sua magestade. Depois de minucioso exame feito ao sr. D. Luiz, o distincto medico viennense disse que felicitava sua magestade e sua regia consorte, o seu illustrado assistente dr. May Figueira e os outros collegas que o haviam coadjuvado, pois que achava o mais lisongeiro possivel o estado de sua magestade; que era sua opinião que nada mais havia a fazer do que continuar com o tratamento medico e hygienico prescripto pelos seus medicos. Disse mais o illustre professor que o maravilhára ver como se tinha debellado em tão pouco tempo a grave doença, que sua magestade havia soffrido. A melhora tem felizmente progredido e sua magestade póde considerar-se restabelecido; assim o prova a sua inexcedivel actividade e o seu manifesto bem-estar. Folgamos do coração com estas boas noticias, e podemos assegurar que todo o paiz nos acompanha n'estes gratos sentimentos, porque o sr. D. Luiz é duplamente venerado e apreciado—pelas suas distinctas qualidades pessoaes e pelos seus superiores predicados de leal, illustrado e prudente monarcha constitucional».

Gratissimas noticias são estas.

— Já está collocada sobre o pedestal a estatua de José Estevão Coelho de Magalhães, que se destina ao monumento, que em Aveiro se vae erigir á memoria do grande tribuno portuguez. A estatua mede tres metros e meio de altura e peza perto de tres mil kilogrammas. A collocação da estatua no seu logar foi feita muito habilmente por alguns operarios do arsenal de marinha, sob a direcção do mestre da armada, sr. Joaquim Antonio, que n'aquelle estabelecimento naval exerce o logar de mestre da officina do apparelho. A estatua é um trabalho notavel que mais uma vez vem revelar o grande talento do insigne esculptor, sr. Simões d'Almeida, auctor do modelo, e que faz grande honra á fundição de canhões do arsenal do exercito, onde foi fundida. Só para vêr este explendido trabalho, vale a pena ir á exposição. A estatua do eminente orador está collocada quasi ao cimo da rua central da exposição, proximo aos pavilhões da secção de minas e do ministerio da marinha.

— Falleceu aqui uma senhora notavel. A respeitavel viuva de Manuel de Jesus Coelho finou-se emfim. A ex.ma sr.ª D. Anna Rufina, que fôra companheira fiel e amiga dedicada e ousada do afamado liberal, editor e jornalista politico, Manuel de Jesus Coelho, que sustentou por muitos annos o *Patriota* e o *Portuguez*, com Leonel Tavares, o vigoroso polemista. Na occasião das luctas civis, que commoveram a nação e nas quaes esteve sempre envolvido Manuel de Jesus nas fileiras mais avançadas do velho partido progressista, a legitima patuléa, a policia assaltou muitas vezes a casa d'aquelle cidadão, porque sabia que n'ella se combinavam os homens mais eminentes do seu partido, e que da sua imprensa sahiam os papeis mais incendiarios e mais avidamente lidos, causando sensação e fazendo séria propaganda. Um dia, a policia, atrevida e feroz, posta ao serviço da sua espionagem torpe, entrou de subito na casa de Manuel de Jesus, e ali encontrou só a sr.ª D. Anna, a qual sabendo da existencia de um masso de proclamações, teve tempo de atiral-o para dentro do pote; porém, vendo que os aguazis miravam, e voltavam de cima para baixo todos os moveis, todas as gavetas, todos os cantos, pensou que tambem procurariam dentro do pote, e encontrariam os impressos; e emquanto os apanhou entretidos na busca, foi ao pote, tirou o masso, e molhado occultou-o no seio, conservando-o ali até que a policia secreta se afastou. A busca durára uma hora. Fazia-se d'isto n'aquella epoca gloriosa, e como esta praticou muitas a illustre dama que acaba de finar-se. A seus filhos envia sentidos pesames um dos antigos amigos de seu pae, que ainda vive.

— Tem ámanhã o seu desgraçado epilogo o processo Marinho da Cruz. Na proxima quarta-feira, pelas 6 horas da manhã, na praça nova do Castello de S. Jorge, Marinho da Cruz. E' alli exautorado este official perante os contingentes reunidos dos corpos da guarnição, comandados pelo sr. major d'artilheria n.º 4, Azambuja Proença, assistindo como representante do ministerio publico o promotor de justiça o sr. tenente-coronel Pimentel Pinto. Os contingentes apresentar-se-hão, pela primeira vez, em taes actos, com os seus sabres-bayonetas, ordem razoavel desde que os militares devem andar sempre armados. Como é sabido era aquelle o unico acto em que elles appareciam desarmados. Depois das nossas desgraçadas luctas civis é a primeira vez que um official do exercito portuguez é exautorado.

— Vae haver exercicios militares. Em ordem da 1.ª divisão foi determinado que os corpos de infanteria que devem tomar parte nas proximas manobras do outomno sejam: um regimento de manobra, composto de um batalhão de caçadores n.º 2 e outro de caçadores n.º 5, commandado pelo sr. coronel Leotte. Outro regimento de manobra, composto de um batalhão de infanteria n.º 2 e outro de infanteria n.º 16, commandado pelo sr. coronel Pina Vidal. Para que ambos os regimentos apresentem as companhias com uma força approximada de 20 filas, será o primeiro reforçado com praças do regimento de caçadores n.º 1, que se dividirão pelos dois batalhões, e o segundo por praças do regimento de infanteria n.º 1, que se subdivirão pela mesma fórma. O regimento de cavallaria n.º 4, fornecerá os dois esquadrões da brigada e a escolta do quartel general. O inimigo será figurado por um batalhão de infanteria n.º 5 e um esquadrão de lanceiros n.º 2.

— A eleição suplementar de Macau deu o seguinte resultado:—Entraram na urna 307 listas, sendo uma branca. Sr. José Maria de Sousa Horta e Costa, 182 votos; sr. Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, 124 votos.

— Está restabelecida a ordem em Lourenço Marques. As noticias recebidas hoje pelo governo affirmam não haver mais receio de que a ordem seja ali novamente alterada.

Estão já nomeados os officiaes que vão servir no corpo de policia d'aquella possessão. São os seguintes: Major sr. Joaquim José de Sousa Figueiredo, official muito distincto, e que já por serviços em Africa foi agraciado com a ordem da Torre e Espada; Capitão sr. Augusto Cesar Bettencourt; Tenente sr. Antonio Alfredo de Sousa Caldas. Estes dois officiaes são tambem muito distinctos e considerados pelo seu brio e exemplar comportamento.

— Vae ser resolvido o pedido da camara d'essa cidade para expropriar um terreno necessario para a construcção d'uma praça na extincta villa d'Eixo.

— O sr. bispo-conde, que não faltou á sessão do juramento do Regente, já partiu para a sua diocese.

— A corveta *Mindello* deve já ter chegado a Lourenço Marques.

— O governo francez arma-se. Agora mandou comprar mais 300 machinas para a fabricação da espingarda de pequeno calibre. No 1.º de novembro, o numero das machinas em movimento será de 8:200, podendo fabricar 1:600 espingardas por dia. O fabrico dos cartuchos vae tambem ser augmentado; hoje existe já uma provisão de 5:000 cartuchos por cada espingarda prompta. No 1.º de novembro, já devem ter sido recolhidas do exercito todas as espingardas de 1874. Quanto á transformação do exercito territorial, deve estar terminada para as manobras da primavera de 1889.

Ninguem dirá que isto seja pronuncio de paz.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

MAQUINAS PARA COSER — DE LA COMPAÑIA FABRIL "SINGER" — SIN ESTA MARCA NINGUNA MAQUINA PUEDE SER LEGITIMA — DE NUEVA-YORK — PARA FAMILIAS É INDUSTRIALES

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

200,000 Doentes curados de **DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS** PELO **DEPURATIVO CHABLE.** Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne **CHABLE** PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÊA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO D.R FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos. Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Ph.as

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

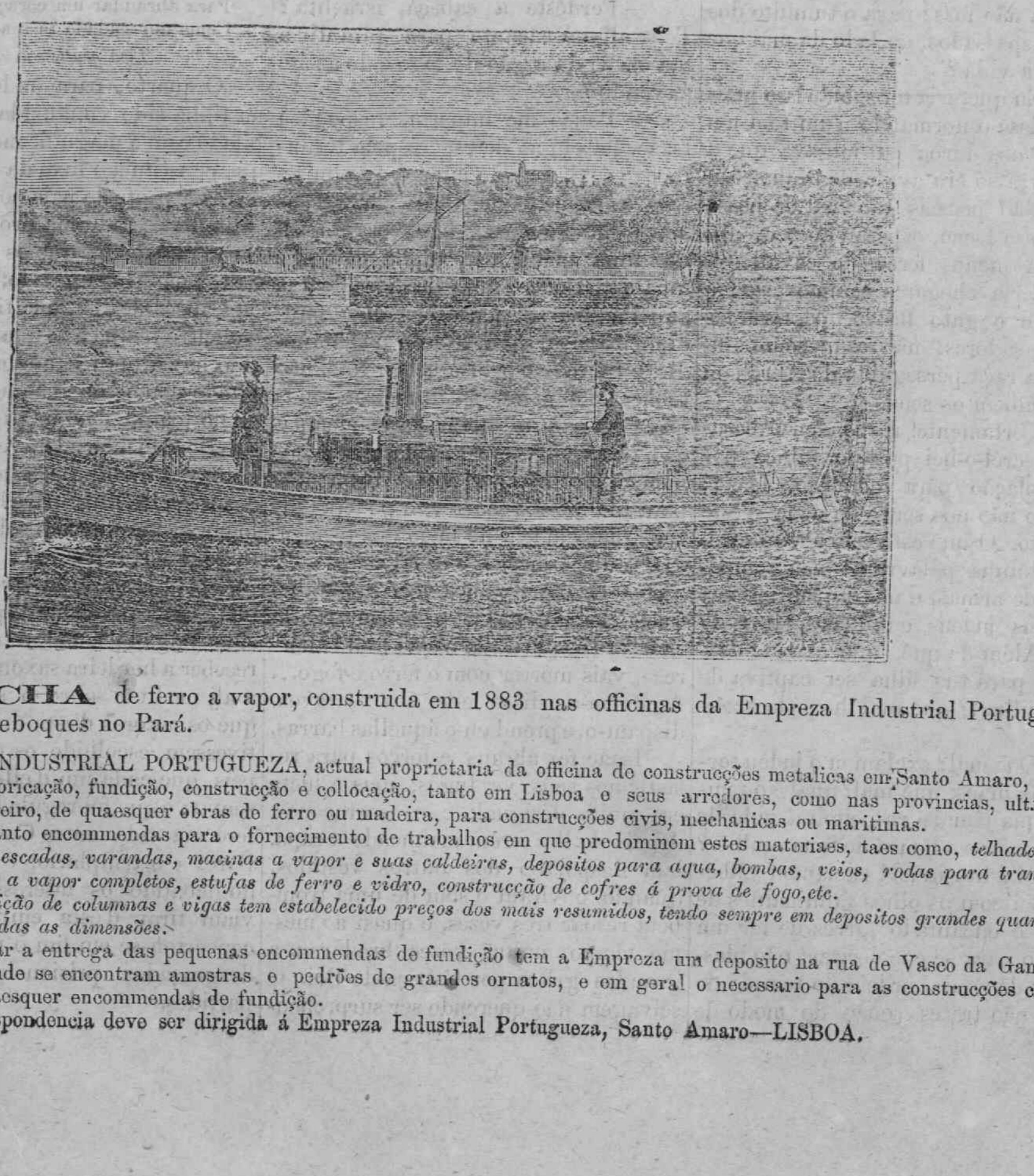
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza ara serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e ondese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

ANNUNCIO

A Commissão Districtal delegada da Junta Geral do districto de Aveiro:

FAZ publico que no dia 26 do corrente mez de setembro, pelas 11 horas da manhã, na sala das suas sessões, se ha-de proceder á arrematação, por meio de propostas em carta fechada, dos seguintes fornecimentos para a construcção do novo edificio districtal no Largo do Terreiro, d'esta cidade:

150 metros cubicos de pedra de calcareo da Gandara d'Outil, posta no local da obra, em desbaste, sendo a base da licitação 12$000 reis o metro cubico;

20 metros cubicos de madeira de pinho serrada, sendo a base de licitação 9$500 reis o metro cubico;

9 metros cubicos de madeira de pinho em bruto, sendo a base da licitação 6$000 reis o metro cubico.

As condições da arrematação acham-se patentes na Repartição da referida Junta Geral todos os dias desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

E para constar se passou o presente e outros de igual theor, para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade e da de Coimbra.

Aveiro, 4 de setembro de 1888.

O Presidente da Commissão Districtal—*José Maria Barbosa de Magalhães.*

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

As pessôas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomalas, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.* 5 fr. e 2 fr. 50

FERRO DE QUEVENNE

É o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO,** etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.

EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA *"Union des Fabricants."*

Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas.*

Deposito Geral do Verdadeiro FERRO de QUEVENNE
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): **8, Rue du Conservatoire, PARIS.**

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do D.or FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado.

36 Rue Vivienne **CHABLE** PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÊA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e escorbuticas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital.*

Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, r. Richelieu, 102. Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura **AROUD**

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude de Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Ph.co em PARIS.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

ALBERTO PIMENTEL	
Atravoz do passado	500
GUIOMAR TORRESÃO	
Almanach das Senhoras, para 1889	240
EÇA DE QUEIROZ	
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes	2$000

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e da ta dos respectivos diplomas.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço.......... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇÃO
DE
CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedido aos editores Campos & C.ª, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

KALENDARIO DOS EMPREGADOS PUBLICOS E DO COMMERCIO

Para o anno de 1889

2.º ANNO

Proprio para carteira

Summario—Kalendario Commercial—Feriados—Dias sanctificados—Adiantamento de vencimentos—Empregos publicos: Direitos de mercê—Emolumentos—Licenças *com vencimento*—Sello de diplomas—Telégraphos: Estações urbanas em Lisboa—Correios: Vales nacionaes—Ultimas tiragens de cartas—Contribuições de juros nas letras—Sellos em recibos particulares e de vencimento, etc.

A' venda nas livrarias e kiosques. Preço 20 reis. Pedidos ao Kiosque Elegante, Rocio, Lisboa.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS
DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS
DE
Fialho d'Almeida, Julio Machado,
Pinheiro Chagas,
Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca
de alguns aspéctos
da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 89—Porto.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS
DO
SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR
Miguel da Costa Trindade
Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem e Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qua foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (fornecimentos)=Celleiros communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n'ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

DAVID CORAZZI, EDITOR

DECIMO VOLUME DA

BIBLIOTHECA UNIVERSAL ANTIGA E MODERNA

O LIVRO DOS SNOBS

POR
TACKERAY
(celebre escriptor inglez)

Versão offerecida aos snobs portuguezes de todas as classes, idade e sexos

N'esta obra tem todos os leitores a certeza de encontrar o retrato dos outros e quasi todos o seu retrato proprio.

A obra consta de 2 volumes e dividida em 50 capitulos. Preço de cada volume 100 reis. A' venda o 1.º volume. O segundo sahe brevemente. Vende-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa.

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimentel

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO